

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

ANA LUIZA BRANDES BECHER

**UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO BRASIL-ESTADOS UNIDOS SOB A LENTE DO
PERIÓDICO “CIDADE DE BLUMENAU” NO ANO DE 1942**

FLORIANÓPOLIS

2017

ANA LUIZA BRANDES BECHER

**UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO BRASIL-ESTADOS UNIDOS SOB A LENTE DO
PERIÓDICO “CIDADE DE BLUMENAU”: 1942**

Monografia submetida ao curso de graduação em Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito obrigatório para a obtenção do grau de bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Roberto Voigt.

FLORIANÓPOLIS

2017

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SOCIOECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

A Banca Examinadora resolveu atribuir nota 9,5 à acadêmica Ana Luiza Brandes Becher, na disciplina CNM 7280 – Monografia, pela apresentação do trabalho intitulado: **“Uma análise da relação Brasil-Estados Unidos sob a lente do periódico ‘A Cidade de Blumenau’: 1942”**.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Márcio Roberto Voigt

Prof. Msc. Jonathan Raphael Vieira da Rosa

Msc. Icles Rodrigues

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, André, pelo apoio incondicional e por ser, antes de tudo, meu grande amigo. À minha mãe, Ana, pelo carinho, paciência e puxões de orelha quando necessários. Vocês dois enfrentaram dificuldades e fizeram tudo o que podiam (e mais um pouco) para garantir que eu e meu irmão tivéssemos oportunidades e uma boa formação. Vocês são meu maior exemplo e não há palavras que possam expressar minha gratidão.

Ao meu irmão, Luiz, por ser o melhor “presente de aniversário” que alguém pode ganhar. Obrigada por compreender que nem sempre posso ficar em casa, e por fazer valer a pena cada instante que estou com vocês.

A Hendrick, por ter sido meu porto seguro nos últimos anos. Obrigada pela sua paciência, compreensão e companheirismo. Obrigada por me ajudar a enfrentar alguns dos meus maiores medos e por ter ficado ao meu lado em todos os momentos. E, mais do que tudo, por acreditar em mim.

A minha avó, Liana (*in memoriam*), por ter sido minha companhia das tardes de infância. Você me mostrou o lado mais doce e gentil de um ser-humano, mesmo eu sendo tão jovem e tendo convivido contigo por pouco tempo. Obrigada.

A minha amiga e colega de curso, Tayane. Obrigada pelas cantorias e conversas multilíngues. Pelos trabalhos, artigos e parceria acadêmica. Sua alegria e animação são contagiantes.

Aos professores do curso, pela motivação e conhecimento transmitidos - em especial ao orientador deste TCC, Prof. Dr. Márcio Roberto Voigt, pela paciência e dedicação.

RESUMO

Os estudos no campo de Política Externa Brasileira demonstram que após o período de equidistância entre Aliados e Eixo no final dos anos 1930, o governo brasileiro acabou se alinhando ao primeiro grupo – principalmente aos Estados Unidos. Tal mudança de posicionamento foi refletida também na imprensa brasileira e em medidas tomadas pelo governo Vargas. As ações de nacionalização e de controle da mídia tiveram repercussões nem sempre positivas. O presente estudo tem por objetivo analisar as notícias veiculadas pelo jornal “Cidade de Blumenau” no ano de 1942, buscando entender o posicionamento do jornal, tendo em vista que o ambiente em que o mesmo se encontrava era de cultura predominantemente alemã. Assim, serão analisadas obras sobre Política Externa Brasileira, História Mundial e Regional e História da Imprensa, além das notícias veiculadas nas edições de 1942 do “Cidade de Blumenau”. Como resultado, é visível o alinhamento do jornal com as políticas nacionalistas do governo Vargas, bem como seu apoio aos aliados e às ações estadunidenses contra o Eixo.

Palavras-chave: Imprensa; Cidade de Blumenau; Segunda Guerra Mundial; Política Externa Brasileira.

ABSTRACT

Studies in the field of Brazilian Foreign Policy shows that after the period of equidistance between Allies and Axis in the late 1930s, the Brazilian government ended up aligning itself with the first group - mainly the United States. This change of position was also reflected in the Brazilian press and in the measures taken by Vargas government. The actions of nationalization and media control had not always positive repercussions. The present study aims to analyze the news published by the newspaper "*Cidade de Blumenau*" in 1942, trying to understand the position of the newspaper, bearing in mind that the environment in which it was predominantly German culture. Thus, will be analyzed works about Brazilian Foreign Policy, World and Regional History and History of the Press, in addition to the news published in the 1942 editions of the "*Cidade de Blumenau*". As a result, the newspaper's alignment with the nationalist policies of the Vargas government is visible, as well as its support for allies and US actions against the Axis.

Key words: Press; "*Cidade de Blumenau*"; Second World War; Brazilian Foreign Policy.

Lista de Ilustrações

Figura 1 - Notícia "A Nação esta unida"	41
Figura 2 - Notícia "O Brasil nunca será escravo"	42
Figura 3 -Notícia "Há brasilidade em Blumenau".....	43
Figura 4 – Notícia " Foi decretada a mobilização geral"	44
Figura 5 – Notícia "A Prefeitura e o Estado de guerra" Fonte – Figura 5: Cidade de Blumenau, ano XIX, número 5 – 03 de outubro de1942	46
Figura 6 - Notícia "As ruas de Blumenau têm nomes novos"	47
Figura 7 – Notícia "Blumenau oferece á Patria o primeiro contingente de enfermeiras da Cruz Vermelha!"	48
Figura 8 - Notícia "O aparelhamento das nossas forças armadas"	52
Figura 9 - Notícia "Atentosa defesa do Brasil".....	53
Figura 10 - Notícia "Submarinos do Eixo atacados pela Aviação Brasileira".....	54
Figura 11 – Notícia "A Marinha de Guerra dos Estados Unidos".....	55
Figura 12 - Notícia "Mensagem de Roosevelt ao presidente Getulio Vargas".....	58
Figura 13 - Notícia "Cooperação ianqui-brasileiro".....	59
Figura 14 - Notícia "Apoio moral e material aos Estados Unidos".....	60
Figura 15 - Notícia "Cooperação tecnica entre o Brasil e os Estados Unidos"	61
Figura 16 - Notícia "O rompimento das relações diplomaticas e comerciaes com a Alemanha, Italia e Japão: As comunicações oficiaes desta importante deliberação do Brasil"	64
Figura 17 - Notícia "Mais uma agressão do Eixo ao Brasil"	65
Figura 18 - Notícia "Procurando eliminar a influencia economia e financeira do Eixo nas Americas"	66

SUMÁRIO

1.	Introdução	9
2.	A Guerra – antes de 1942	12
2.1	O Estado Novo	12
2.2	Visão Geral	15
2.3	Foco regional	17
2.4	A aproximação cultural: o Office of the Coordinator of Inter-American Affairs de Rockefeller e a Seleções.	24
3.	Breve histórico da imprensa brasileira – início do século XX até 1942	30
4.	Sobre Blumenau antes de 1942, o “Cidade de Blumenau” e as notícias	34
4.1	Literatura em Blumenau – a imprensa e o jornal “A Cidade de Blumenau”	36
4.2	Análise das publicações veiculadas em 1942 pelo “Cidade de Blumenau” Erro! Indicador não definido.	
4.2.1	Política interna, o programa de nacionalização e o Contexto de Blumenau	40
4.2.2	Forças Armadas e poderio militar na Guerra	51
4.2.3	Política Externa Brasileira e os Estados Unidos	57
4.2.4	Política Externa Brasileira e países do Eixo	63
	Conclusão	68
	BIBLIOGRAFIA	70

1. Introdução

O presente trabalho tem por objetivo fazer uma análise da interseção entre as áreas de Relações Internacionais, História e Jornalismo. Dessa forma, buscar-se-á desenvolver uma pesquisa sobre a imagem transmitida pelo jornal “Cidade de Blumenau” acerca da Política Exterior Brasileira no ano de 1942, abarcando principalmente as notícias que envolvem as relações Brasil-Estados Unidos. O ano foi escolhido em razão do rompimento das relações brasileiras com os países do Eixo e da declaração de estado de beligerância contra os mesmos, unindo-se aos Estados Unidos. Já o jornal foi escolhido por ter sido publicado em uma das maiores colônias alemãs no Brasil e também pela sua redação em língua portuguesa e disponibilidade de acesso. Esse trabalho visa investigar o posicionamento do jornal “Cidade de Blumenau” no ano de 1942 acerca do conflito em curso. Assim, a pergunta que norteou o estudo foi “Como era retratada a relação entre Brasil e Estados Unidos sob o ponto de vista do jornal “A Cidade de Blumenau” no ano de 1942?”. Ademais, foi estabelecido o seguinte objetivo geral: “Compreender como o jornal ‘A Cidade de Blumenau’ percebia e noticiava a relação Brasil-Estados Unidos em 1942”. De igual forma, são esses os objetivos específicos: “Estudar o desenvolvimento da imprensa no Brasil e, mais especificamente, em Blumenau, apresentando o jornal analisado e sua trajetória até o ano em questão”; “Apresentar a Política Externa praticada durante o governo Vargas e suas principais diretrizes - com foco nas relações Brasil-Estados Unidos”; “Avaliar as principais notícias veiculadas no ano de 1942 que citam Brasil e Estados Unidos”; e “Analisar a maneira como o jornal se portou e como retratou as relações entre Brasil e Estados Unidos”.

A Segunda Guerra Mundial, o maior conflito do século XX, envolveu as mais poderosas nações do mundo daquela época. É sabido que os Estados Unidos buscaram maior aproximação com os países da América Latina, tanto em razão do apoio que estes poderiam lhe oferecer (referindo-se a suprimentos, principalmente), quanto por sua posição geográfica estratégica. Com a aproximação do conflito, sendo já iminente o envolvimento dos Estados Unidos, é convocada a Conferência do Rio, em 1942, visando unificar a posição e o apoio do continente americano.

Entretanto, alguns países não aceitaram se submeter à proposta estadunidense, como a Argentina e o Chile, que se negaram a declarar guerra ao Eixo, conforme demonstra Moura (2013, p. 110 – tradução minha):

O assunto político central era, claro, o rompimento de relações com o Eixo. A delegação dos EUA tinha preparado um esboço de resolução, de acordo com a qual a Conferência concordaria com o rompimento imediato de relações. Argentina e Chile se opuseram à resolução de maneiras diferentes. Os argentinos não aceitaram a natureza imperativa do esboço, porque seu governo dependia de um equilíbrio doméstico muito delicado e queria manter uma posição de neutralidade durante a guerra. O governo chileno, por outro lado, temia que o rompimento de relações fosse interpretado como uma declaração de guerra, uma situação que se buscava ansiosamente evitar para esquivar-se dos ataques japoneses na costa chilena¹.

Assim, os Estados Unidos passaram a se focar ainda mais em uma aliança com o Brasil. Dessa forma, os governos Roosevelt e Vargas deram início a uma série de negociações, de maneira que o último ficou conhecido por barganhar o apoio brasileiro à causa estadunidense e, assim, o governo brasileiro conseguiu obter alguns benefícios, por conta de acordos políticos, militares e econômicos – ou concretamente, o processo de industrialização -, voltado, entretanto, mais para as necessidades político-econômicas dos Estados Unidos do que por vontade de desenvolver a economia brasileira.

Havia, porém, um empecilho avistado principalmente pelos militares estadunidenses: a presença de colônias alemãs, italianas e japonesas em território brasileiro. Dentro do próprio governo não existia um consenso sobre o posicionamento que deveria ser tomado, já que havia grupos em que os integrantes publicamente se declaravam “pró-Eixo” ou “pró-Aliados”. Tal fato foi interpretado como um sinal para que o governo e os militares estadunidenses não confiassem plenamente nos “parceiros” brasileiros.

Devido ao seu grande alcance físico, econômico e político, meios de comunicação de todos os cantos do mundo divulgavam notícias sobre o que ocorria nos *fronts* de guerra, e no Brasil a situação não foi diferente. Vários jornais

¹ No original: “The central political issue was, of course, the breaking of relations with the Axis. The US delegation and prepared a draft resolution according to which the Conference would agree to the immediate breaking of relations. Argentina and Chile both opposed the resolution in different ways. The Argentinians did not accept the imperative nature of the draft because their government depended on a very delicate domestic equilibrium and wanted to maintain a position fo neutrality in the war. The Chilean Government, on the other hand, feared that the breaking of the relations would be interpreted as a state of war, a situation it was eager to avoid in view of the possibility of Japanese attacks on the Chilean coast”.

divulgaram relatos e acontecimentos do que se passava durante o conflito no continente europeu. O município de Blumenau, Santa Catarina, local de forte colonização alemã, também possuía diversos jornais em circulação, jornais que “flutuavam” entre posições pró- governo e pró-Alemanha. Até o ano de 1942 alguns jornais publicados em língua alemã ainda circulavam pela cidade – já que neste momento boa parte dos cidadãos da região ainda se comunicava em seu idioma materno.

Sendo assim, levando-se em consideração que a imprensa é um dos meios mais importantes na formação da opinião popular, buscar-se-á delinear o retrato da relação Brasil-Estados Unidos com base nas notícias publicadas no referido ano (1942), analisando, para tanto, o jornal “Cidade de Blumenau”.

Na seção número 2, o objetivo é contextualizar o momento imediatamente anterior à Segunda Guerra Mundial. Para tanto, serão abordadas tanto a visão geral – buscando uma versão mais “mundial”, que abrange os momentos após o término da Primeira Guerra Mundial até o início das agressões, em 1939 – quanto uma ideia mais regional, com foco no Brasil – abarcando desde um breve histórico do país, até sua situação durante o final da década de 1920 e durante a década de 1930, até a sua declaração de beligerância contra o Eixo. Ainda nessa seção será abordado o *Office*, buscando demonstrar sua relevância e influência na situação em que o Brasil se encontrava. Finalizando a segunda seção, serão apresentadas algumas características acerca do Estado Novo, para que seja possível compreender seu funcionamento e suas ações.

Na próxima seção, número 3, buscar-se-á apresentar um breve histórico da imprensa brasileira, abrangendo desde o início do século XX e as transformações ocorridas até o momento estudado pela presente pesquisa – o ano de 1942. Já a seção número 4 terá como objetivo contextualizar a região de Blumenau, apresentando fatos de sua colonização, constituição e cultura que se mantiveram – e que ainda são mantidos – vivos pela população local. Ademais, será apresentado um breve histórico da imprensa na região, abordando alguns dos principais jornais que circulavam na cidade até chegar no jornal estudado no presente trabalho, o “Cidade de Blumenau”.

Por fim, a seção 5 traz as fotografias das notícias selecionadas – divididas em quatro grupos temáticos -, sua transcrição (serão disponibilizadas nas notas de

rodapé, já que devido ao tempo, diversos exemplares apresentam falhas, folhas rasgadas e desgastes), e posterior análise.

2. A Guerra – antes de 1942

Esta seção irá abordar momentos importantes da década de 1930, do pré Segunda Guerra Mundial até o ano de 1942, quando o Brasil rompe suas relações com os países do Eixo e declara guerra. Para isso, o primeiro passo será tentar obter uma visão mais ampla acerca dos acontecimentos do período. Posteriormente, abordar-se-á os fatos sob uma perspectiva mais regional, buscando compreender fatores locais que influenciaram nas decisões tomadas e que levaram aos acontecimentos de que se têm registro. O próximo passo será tentar analisar a inserção da influência cultural estadunidense, com foco no *Office*, mas também abordando a famosa revista *Seleções*. Para concluir esse ponto será analisado brevemente o Estado Novo, seu desenvolvimento e posteriores decisões e relacionamentos com os Estados Unidos e com a Alemanha. Para abordar esses pontos serão utilizadas as seguintes obras: Cervo e Bueno (1992), Hobsbawm (2016), Jaguaribe (2006), Moura (1995 e 2013), Pecequillo (2003), Tota (2000) e Zorgbibe (1997).

2.1 O Estado Novo

A instauração do Estado Novo, em 1937, foi bem recebida pelos regimes alemão e italiano, dada a proximidade ideológica dos governos em questão. Esse foi um motivo de preocupação, num primeiro momento, para os Estados Unidos. Mas ao contrário do que era esperado o Brasil não buscou o alinhamento com os países do Eixo justamente para que as relações com o governo estadunidense não fossem prejudicadas – e também para não bater de frente com a pressão interna. Ao manter o que Moura (1980 apud CERVO; BUENO, 1992) chamou de “equidistância pragmática” – porém com leve preferência pelos Estados Unidos – o Brasil foi capaz de realizar negociações tanto com o governo Roosevelt quanto com o regime nazista alemão sobre a construção de uma siderúrgica (fato que se realizou com a

construção da Usina Siderúrgica de Volta Redonda e a criação da Companhia Siderúrgica Nacional em 1941, viabilizada por um acordo assinado com o governo estadunidense) (CERVO; BUENO, 1992).

Os primeiros atritos com o governo alemão começaram em 1938, quando Vargas deu início à campanha de nacionalização, o que incluía a proibição de propaganda e organização de partidos políticos, contrariando as expectativas alemãs. Entretanto, com o aumento do fluxo comercial entre Brasil e Alemanha e a crescente colaboração no setor policial devido – em grande parte – à simpatia de Vargas pelo governo nazista, isso se mostrou contraditório com a ideia de nacionalizar o Brasil, pois dificultava a limitação das atividades do Partido Nazista em solo brasileiro. A proibição do envolvimento de estrangeiros em atividades políticas e a proibição da atuação do Partido Nazista no país – principalmente na região Sul do Brasil, onde se estima que na época viviam aproximadamente 800 mil descendentes de alemães – gerou desconforto nas relações entre Brasil e Alemanha. Em relação à Itália, como este país não tinha as mesmas preocupações alemãs no que se refere à propaganda política e organização de italianos e seus descendentes, as relações para com o Brasil se deram de maneira mais tranquila e cordial (CERVO; BUENO, 1992).

A preocupação estadunidense acerca de uma possível aproximação entre Alemanha e Brasil fora tranquilizada com a já abordada proibição de atividades políticas – inclusive estrangeiras – no país, e a relação entre Estados Unidos e Brasil melhorou ainda mais com a nomeação de Osvaldo Aranha como Ministro das Relações Exteriores, o qual era visto com bons olhos por parte das autoridades americanas e colocava a chamada “equidistância” mais distante da prática – apesar dos esforços de Vargas em tentar mantê-la enquanto isso evitasse atritos. Nesse período, os Estados Unidos começam a buscar meios de frear e diminuir a influência alemã em território brasileiro em todos os aspectos (CERVO; BUENO, 1992).

Quando a Segunda Guerra Mundial começou, Vargas declarou que o Brasil assumiria uma posição de neutralidade – o que permitiria ao governo obter benefícios da disputa entre Estados Unidos e Alemanha, conseguindo algumas vantagens comerciais e econômicas -, porém a falta de capacidade militar brasileira levou o país a aproximar-se de países Aliados, como Inglaterra e França. A Alemanha não reagiu neste momento, pois a neutralidade do Brasil e dos demais países latino-americanos acerca do conflito era mais interessante do que uma

possível aproximação com os Aliados. No mesmo período, as trocas comerciais brasileiras com os Estados Unidos e com a Grã-Bretanha cresceram, enquanto as relações comerciais com a Alemanha estavam em crise – já que as rotas comerciais que levavam à Alemanha estavam bloqueadas pelos domínios estadunidense e britânico do Atlântico. Devido a uma presença mais fraca da Alemanha em termos comerciais e também por pressões populares, o Brasil acabou por declarar seu alinhamento para com os Estados Unidos (CERVO; BUENO, 1992). Washington fazia concessões ao governo Vargas em troca da colaboração do mesmo em termos de instalação de bases aéreas (pela posição geográfica estratégica) bem como para fornecimento de minérios e outros itens básicos e necessários para a indústria de guerra estadunidense. Paralelamente a isso o Brasil continuava a comercializar com a Alemanha nos termos do comércio compensado. Tal postura ambígua, como mostram Cervo e Bueno (1992, p. 229) “[...] refletia a divisão existente na própria cúpula do sistema político, entre pró-Eixo e pró-Aliados”.

Quando a Alemanha inicia sua ofensiva na parte ocidental da Europa, Vargas optou por manter totalmente a neutralidade, indo contra o conselho de Aranha de condenar a atitude - porém mantendo a posição neutra do país -, porque a Alemanha forneceria armamentos necessários às forças militares brasileiras. Em 1940, as vitórias e os sucessos alemães na Europa continuaram a dividir as opiniões dentro dos integrantes do governo brasileiro. Em tal ocasião, Vargas proferiu um discurso (em junho do mesmo ano) prevendo o fim das democracias e elogiando os regimes totalitários. A recepção de tal fala nos países do Eixo foi excelente. Já nos Estados Unidos, o clima era de preocupação. Para acalmar os ânimos estadunidenses, Vargas garantiu que “[...] o Brasil não se afastaria da solidariedade pan-americana [...]” (CERVO; BUENO, 1992).

Vargas não via incoerência entre essas posições, usando do sucesso alemão sobre países tidos como democráticos para justificar a instauração do Estado Novo. Após o discurso de Vargas, tanto Alemanha quanto Estados Unidos mostraram-se dispostos a negociar com o Brasil. Nesse ponto, Osvaldo Aranha envia uma delegação aos Estados Unidos para concluir um acordo para a construção da usina siderúrgica de Volta Redonda. Como a posição do Brasil no Atlântico era considerada estratégica pelos Estados Unidos – ainda mais com a presença de tropas alemãs no noroeste da África - e também por enxergarem não apenas a contraposição à influência alemã, mas também maior presença comercial em terras

brasileiras, os Estados Unidos concordaram em conceder crédito e ajuda tecnológica para tirar do papel o projeto de Volta Redonda.

O ataque japonês a Pearl Harbor, em dezembro de 1941, levou o governo brasileiro a declarar sua solidariedade para com Washington. Após o ataque, os Estados Unidos convocaram a Reunião de Consulta dos Ministros das Relações Exteriores do continente, ocorrida em janeiro de 1942. Diante desse cenário, os países do Eixo tentavam fazer com que o Brasil não se alinhasse aos Estados Unidos nem rompesse as relações diplomáticas, sendo que ambos acabaram por se concretizar ao fim da reunião. Em 31 de agosto de 1942 o governo Vargas declara estado de beligerância contra os integrantes do Eixo, motivado pelas agressões empreendidas por submarinos do Eixo contra navios mercantes e de passageiros de origem brasileira no mesmo ano². Como parte do esforço de guerra, caberia ao Brasil fornecer a matéria prima necessária para a produção de material bélico, bem como permitir o acesso às bases aéreas no Nordeste do país (CERVO; BUENO, 1992) e, em contrapartida, o Brasil contaria com o apoio e proteção estadunidenses contra possíveis investidas do Eixo.

Assim, o governo Vargas vai, aos poucos, abandonando a equidistância adotada nos anos anteriores e colocando-se ao lado dos Aliados – e dos Estados Unidos, principalmente – num esforço contra o Eixo.

2.2 Visão Geral

A humanidade sobreviveu. Contudo, o grande edifício da civilização do século XX desmoronou nas chamas da guerra mundial, quando suas colunas ruíram. Não há como compreender o Breve Século XX sem ela. Ele foi marcado pela guerra. Viveu e pensou em termos de guerra mundial, mesmo quando os canhões se calavam e as bombas não explodiam. Sua história e, mais especificamente, a história de sua era inicial de colapso e catástrofe devem começar com a guerra mundial de 31 anos. (HOBSBAWM, 2016, p. 30)

Em 1914 o mundo atravessava quase um século de paz³ quando irrompeu o conflito que acabou por envolver praticamente todas as potências

² “A represália alemã à não-observação da neutralidade brasileira manifestou-se em ataques feitos pelos submarinos do Eixo (alemães e italianos) a navios mercantes brasileiros, a partir de fevereiro de 1942, com a finalidade de interromper o transporte marítimo entre o Brasil e países do Atlântico Norte, principalmente os Estados Unidos. A partir de agosto, o Eixo atacou também navios de passageiros que faziam cabotagem” (CERVO; BUENO, 1992, p. 240-241).

³ Entende-se “paz” como ausência de conflitos internacionais envolvendo grandes potências.

europeias e no qual, pela primeira vez, tropas de outros lugares do mundo foram enviadas para operar fora de suas regiões de origem. Com o fim do conflito mais violento visto até então, os vencedores buscaram firmar um acordo que “[...] tornasse impossível outra guerra como a que acabara de devastar o mundo e cujos efeitos retardados estavam em toda parte” (HOBSBAWM, 2016, p. 39) – o que impôs uma “paz punitiva” e tratou a Alemanha como única culpada e que, portanto, deveria permanecer “fraca”. Da tentativa de estabelecer a paz, nasce a Liga das Nações - idealizada por Woodrow Wilson -, a qual é considerada um fracasso, pela sua falta de efetividade⁴.

Apesar das tentativas de “criar a paz”, as dificuldades econômicas atravessadas na década de 1920 levaram ao estabelecimento de regimes políticos de extrema direita, que tinham por objetivo romper com o *status quo* vigente e fariam o que fosse necessário para tal – considerando-se que negociações não costumavam ser muito comuns nesses casos -, “Daí em diante, uma nova guerra mundial não era apenas previsível, mas rotineiramente prevista. Os que atingiram a idade adulta na década de 1930 a esperavam” (HOBSBAWM, 2016, p. 43).

Quanto às origens do segundo conflito mundial do século XX não resta dúvida de que Alemanha, Japão e Itália – sendo este último em menor grau e intensidade – foram considerados os agressores, com destaque para o papel desempenhado por Adolf Hitler.

E no entanto, se um lado claramente não queria guerra, e fez tudo possível para evitá-la, e o outro a glorificava e, no caso de Hitler, a desejava ativamente, nenhum dos agressores queria a guerra que tiveram, quando a tiveram, e contra pelo menos alguns dos inimigos com os quais se viram lutando. (HOBSBAWM, 2016, p. 45)

Os agressores – inicialmente a Alemanha e, posteriormente, o Japão – necessitavam que a guerra fosse rápida, dado que os recursos conjuntos dos países inimigos eram muito maiores do que os que aqueles dispunham – “Nenhum dos dois sequer fez planos para uma guerra extensa, nem contou com armamentos de longo período de gestação” (HOBSBAWM, 2016, p. 45). Assim, ao perceber que o conflito se aproximava, Hitler começou a buscar alianças – deve ser lembrado aqui o então pacto de não agressão firmado com a Rússia: o Pacto Molotov-Ribbentrop, firmado em 1939.

⁴ “A Liga das Nações foi de fato estabelecida como parte do acordo de paz e revelou-se um quase total fracasso, a não ser como uma instituição para coleta de estatísticas” (HOBSBAWM, 2016, p. 42).

Assim, como afirma Zorgbibe (1997, p. 579 – tradução minha⁵)

[...] em 20 e 21 de agosto os preparativos militares se intensificam, a mobilização geral se faz efetiva, os incidentes em fronteira se multiplicam na parte da Polônia onde vivem as minorias alemãs, enquanto que Dánzig o *gauletier* Forster é proclamado “chefe de Estado”. Em 24 de agosto, Chamberlain declara ante a Câmara dos Comuns que a Grã-Bretanha manterá seus compromissos com a Polônia.

Assim, dava-se o passo inicial para a Segunda Guerra Mundial, concretizado após a tentativa de negociação entre Alemanha e Polônia proposta pela França e Grã-Bretanha. As agressões, portanto, foram tomando seus lugares no campo de batalha. Se em 1939 Hitler não considerava um ataque à União Soviética – para evitar uma guerra de dois *fronts* -, em 1940 tal ação começou a ser planejada e, em 1941, colocada em prática, dando fim ao acordo que havia sido estabelecido entre Hitler e Stalin.

Uma vez que a guerra russa não se decidira em três semanas, como Hitler esperava, a Alemanha estava perdida, pois não estava equipada nem podia aguentar uma guerra longa. Apesar de seus triunfos, tinha, e produzia, muito menos aviões do que mesmo a Grã-Bretanha e a Rússia, sem contar os EUA. Uma nova ofensiva alemã em 1942, após o inverno terrível, pareceu tão brilhantemente bem-sucedida como todas as outras, e levou os exércitos alemães a fundo no Cáucaso e ao vale do baixo Volga, mas não podia mais decidir a guerra. Os exércitos alemães foram detidos em Stalingrado (verão de 1942-março de 1943). Depois disso, os russos começaram por sua vez o avanço, que só os levou a Berlim, Praga e Viena no fim da guerra. De Stalingrado em diante, todo mundo sabia que a derrota da Alemanha era só uma questão de tempo. (HOBBSAWM, 2016, p. 47).

Os recursos limitados dos países do Eixo e sua conseqüente necessidade de uma guerra rápida, como citado no trecho anterior, juntamente com a entrada de fato dos Estados Unidos e da União Soviética no conflito, fez com que o mesmo tivesse um término mais rápido do que esperado pelos mesmos – visto que se tornava insustentável manter diversas batalhas de múltiplas frentes e de forma simultânea em um ambiente em que obter suprimentos tornava-se cada vez mais difícil dado o crescente cerco dos Aliados.

2.3 Foco regional

⁵ No original: “[...] *el 20 y 21 de agosto los preparativos militares se intensifican, la movilización general se hace efectiva, los incidentes en la frontera se multiplican en la parte de Polonia en donde viven minorías alemanas, mientras que el Dánzig el gauletier Forster es proclamado ‘jefe de Estado’.* El 24 de agosto, Chamberlain declara ante la Cámara de los Comunes que Gran Bretaña mantendrá sus compromisos com respecto a Polonia.”

Após a independência o Brasil manteve fortes vínculos com o Reino Unido em razão do “apoio” fornecido, dos laços econômicos, comerciais e políticos existentes entre os países em questão – e também por conta de uma série de motivos históricos. Dessa forma, a Política Externa Brasileira esteve por muito tempo alinhada aos interesses europeus e, de forma especial, britânicos (MOURA, 2013). O movimento de transição desse alinhamento começou ao final do século XIX, quando os Estados Unidos foram aumentando sua influência pelo continente americano enquanto a Grã-Bretanha estava voltada a disputas internas e europeias⁶.

Rio Branco teria sido o principal responsável pelo deslocamento do eixo diplomático brasileiro de Londres para Washington. Esta alteração refletia, por um lado, a percepção do novo papel dos EUA no cenário internacional e a consciência da dependência comercial do Brasil em relação à república da América do Norte; por outro lado, a percepção do gradual retrocesso da influência britânica sobre o sistema americano (CONDURU, 1998).

Entretanto, ao final do século XIX, novos “competidores” pela influência sobre o Brasil apareceram, sendo estes Estados Unidos, França e Alemanha. Dentre os competidores, os Estados Unidos foram os que obtiveram maior destaque, visto que sua participação no comércio e na economia brasileira cresceram exponencialmente, substituindo gradativamente a influência britânica e alcançando o posto de maior parceiro comercial brasileiro no ano de 1929. O Brasil, que na época começava a buscar alternativas para contrabalancear a influência britânica em assuntos nacionais viu aí uma alternativa, porém não conseguiu alcançar a autonomia, apenas substituindo a influência do velho continente pela americana (MOURA, 2013). É importante que se tenha a noção de que o objetivo não era de abandonar a esfera de influência britânica, mas sim dispor de um “plano B” para que esta não tivesse o controle total sobre a política e economia brasileiras. Ademais, após os anos 1930, o Itamaraty estava mais voltado a uma “diplomacia econômica”, atuando na “[...] regularização das relações comerciais do país” (CERVO; BUENO, 1992) e firmando tratados com base no princípio de nação mais favorecida⁷.

⁶ “Na passagem do século XIX para o XX, o mais importante concorrente da Grã-Bretanha na região, embora não o único, foram os Estados Unidos. Ao passarem a se concentrar mais nas rivalidades intraeuropeias e em suas repercussões na Ásia e na África, os britânicos deixavam, de certa forma, campo aberto para a expansão dos interesses econômicos, militares e políticos dos norte-americanos nas Américas (Cains & Hopkins, 1993, p. 287; e Keylor, 1992, p. 24)” (CONDURU, 1998).

⁷ O princípio da Nação Mais Favorecida (NMF, ou *Most Favored Nation – MFN*) determina que o comércio para com diferentes países não deve ser caracterizado por preferências, diferenciações e outras maneiras de discriminação, mas sim pela igualdade de tratamento.

Entre a crise de 1929 e o início da Segunda Guerra Mundial (1939), por conta da recessão e de diversos outros problemas enfrentados ao redor do mundo, movimentos sociais de diversos tipos começaram a buscar seu “lugar ao sol”, inclusive no Brasil, que havia passado por recessão econômica, mudanças políticas e ascensão de novos movimentos políticos durante a década de 1930. A Crise de 1929, apesar de ter sido percebida de maneiras diferentes nos países atingidos, gerou algumas respostas semelhantes, sendo as mais marcantes a intervenção estatal na economia nacional e as políticas de proteção econômica. Moura (2013) afirma que países como Reino Unido e França, devido às suas colônias e moedas consolidadas, conseguiram atravessar o período de forma relativamente estável. Isso não se aplicava, entretanto, a países como Alemanha, Japão e Itália - (pois não contavam com os mesmos “facilitadores”), que precisaram buscar uma economia de caráter autossuficiente. Nesses casos, os governos desses países, com influências fascistas, estabeleciam alianças para tentar solucionar problemas econômicos, porém o que se via era o reforço dos oligopólios e a redução dos salários, que acabavam por agravar ainda mais a situação.

Em todo o mundo, devido a essas mudanças intensas, a visão liberal era intensamente criticada por inúmeras correntes de pensamento, entretanto, a corrente mais bem-sucedida foi a de vertente fascista, por ser “[...] revolucionária em sua aparência e autoritária nas suas práticas” (MOURA, 2013, p. 47 - tradução minha)⁸. Os governos fascistas, por não disporem de colônias para prover os insumos necessários ao movimento de suas economias, viram como necessário a manutenção de mercados externos e, para tal, entraram em disputa pela influência em alguns locais. No caso da América Latina, enquanto o Reino Unido deu um passo atrás, Alemanha e Estados Unidos foram os principais protagonistas da disputa pela influência - enquanto o primeiro destacava ideias como autoritarismo, protecionismo econômico e nacionalismo militar, o segundo se voltava para a democracia liberal e livre comércio internacional. Segundo Pecequillo (2011, p. 116, grifo da autora)

Apesar do refluxo natural causado pela Grande Depressão, os Estados Unidos não abandonaram em nenhum momento sua política de liderança continental, mantendo sua hegemonia e preservando a região de influências externas. Dessa forma, o isolamento norte-americano no sistema não correspondeu a uma posição semelhante no hemisfério, havendo, inclusive,

⁸ No original: [...] *revolutionary in appearance and authoritarian in its practices*”.

uma reformulação de paradigmas para a condução das relações dos Estados Unidos com a América Latina. [...] A Política de Boa Vizinhança (PBV/*Good Neighbour Policy*) representou uma mudança abrupta na política norte-americana, começando pela retirada das tropas que ainda estavam no continente, o abandono das intervenções armadas e interferências políticas e econômicas, seguindo-se a instalação de um processo de consulta e cooperação que passava a reconhecer a América Latina e suas nações como soberanas e parceiras igualitárias dos Estados Unidos.

Moura (2013, p. 48 - tradução minha) também afirma que a

[...] América Latina não era apenas palco de uma guerra comercial, mas também um palco para uma disputa política e ideológica, ao mesmo tempo em que formas de governo autoritárias e o nacionalismo econômico estavam prosperando na parte sul do continente.⁹

Moura (2013) também destaca, entretanto, que o nacionalismo em ascensão nos países latino-americanos não pode ser confundido com a adesão aos regimes fascista e nacional-socialista, porém “[...] em tempos de polarização política radical, afinidades ideológicas ou políticas econômicas similares tendiam a ser vistas como alinhamentos políticos no cenário internacional” (MOURA, 2013, p. 48 - tradução minha)¹⁰.

No que se refere aos interesses alemães na América Latina e, em especial, no Brasil, Moura (2013) afirma que estes eram majoritariamente comerciais, visando possíveis clientes para seus produtos e, ao mesmo tempo, garantir os insumos básicos para sua economia. Os países da região viram nessa situação uma alternativa para aumentar o seu fluxo de comércio internacional. Entretanto, os acordos comerciais eram dentro do chamado “comércio compensado” - ou seja, negociados, em *Reichsmark*¹¹ -, portanto, os países que vendiam seus produtos para a Alemanha acabavam por se ver obrigados a comprar bens daquele país¹².

Apesar dos interesses majoritariamente comerciais, ocorreram tentativas alemãs de influenciar política e ideologicamente o Brasil e outras regiões latino-americanas. A Alemanha providenciou a instalação de embaixadas, consulados, escolas, empresas e outros órgãos/instituições para formar redes de contato e interesses que fossem favoráveis aos seus posicionamentos. Igualmente, o partido

⁹ No original: “*Latin America was not only a stage for commercial war, but also a stage of political and ideological dispute, at the very time when authoritarian forms of government and economic nationalism were flourishing in the southern part of the continent*”.

¹⁰ No original: “[...] *in a time of radical political polarization, ideological affinities or similar economic policies tended to be seen as political alignments on the international stage*”.

¹¹ O *Reichsmark* foi a moeda oficial alemã entre 1924 e 1948.

¹² Como afirma Tota (2000, p. 26), “Na transação não haveria exatamente dinheiro, mas a troca de produtos por produtos”.

nazista buscava a simpatia dos descendentes de alemães que se encontravam no continente. No caso brasileiro, as atenções alemãs voltavam-se para o sul do país, onde se encontra até hoje a maior concentração de descendentes de alemães no Brasil. Isso acabou criando temor nas autoridades brasileiras e também estadunidenses, apesar de que ambos os países tinham a percepção de que o governo alemão estaria disposto a diminuir suas investidas se estas ameaçassem o fornecimento de itens básicos. A crescente influência militar e disseminação da propaganda nazista - além da implementação da política de proteção aos cidadãos alemães, que estava sendo aplicada na época no continente europeu -, preocuparam ainda mais as autoridades estadunidenses, que começaram a buscar alternativas para eliminar (ou ao menos reduzir) a influência alemã na região. Entretanto, apesar do que se imaginava, como demonstram Cervo e Bueno (1992, p. 225) “[...] o Brasil no plano externo não assumiu atitude que eventualmente pudesse levar a um alinhamento às potências do Eixo”. Um sinal disso é que

A crise diplomática havida em 1938 entre Rio de Janeiro e Berlim em razão, inclusive, da atitude insolente do embaixador alemão no Brasil, Karl Ritter, e a missão Aranha nos Estados Unidos, em 1939, não só contribuíram, mas também indicaram que a diplomacia norte-americana dispunha de maior prestígio junto ao Itamarati do que a alemã. (CERVO; BUENO, 1992, p. 225)

As autoridades americanas, que desde o início do governo de Franklin D. Roosevelt (1933) vinham buscando implementar a “política da boa vizinhança” para apagar as marcas que a anterior política do “*big stick*” pudesse ter deixado em países latino-americanos, aumentaram seus esforços ao final da década de 1930 e início da década de 1940 para tentar barrar a influência alemã. A política de Roosevelt consistia em diminuir a sua intervenção nos países latino-americanos - extinguindo as intervenções militares - e promover a igualdade jurídica e a cooperação entre as nações americanas, mas também considerava que alguns aspectos deveriam ser mantidos para que fosse possível garantir sua segurança. Dessa maneira, intervenções foram realizadas na América Latina utilizando de meios econômicos e políticos - portanto, o intervencionismo diminuiu com a extinção do uso da pressão por meios militares (MOURA, 2013).

Apesar de historiadores estadunidenses afirmarem que a política da boa vizinhança tinha como objetivo ampliar o comércio interamericano, Moura (2013) afirma que medidas tomadas por Roosevelt sugerem uma preocupação maior com o alinhamento entre as nações do continente de forma a garantir a colaboração e o

suporte mútuo - mas com a liderança exercida pelos Estados Unidos. Assim, como forma de demonstrar a “boa-vontade” norte-americana, os Estados Unidos buscaram “ativar” a economia latino-americana através dos incentivos à produção de bens primários. Tal medida garantiria fluxo comercial e financeiro, assegurando a estabilidade econômica e o crescimento da região. Alguns críticos afirmavam que tal ação limitaria o desenvolvimento da indústria local, porém, diante da possibilidade de que os países latino-americanos pudessem começar a produzir suas próprias manufaturas, os Estados Unidos focaram seus incentivos no setor primário, garantindo assim suas vendas para a América Latina.

Seguindo essa linha de pensamento, em 1939 ocorreu a Conferência do Panamá, que deu origem ao Comitê Consultivo Financeiro Interamericano¹³. Esse comitê visava “[...] atacar os previsíveis deslocamentos econômicos em época de guerra e explorar métodos de longo prazo para aumentar o comércio americano e promover o crescimento econômico latino-americano” (MOURA, 2013, p. 55 - tradução minha)¹⁴. Para tal, o comitê criou a Comissão de Desenvolvimento Interamericana¹⁵, comandada por Nelson Rockefeller com a missão de realizar estudos, buscar informações e estabelecer contatos e conexões que viabilizassem o desenvolvimento dos países da América Latina. Segundo Moura (2013), a ideia de desenvolvimento para a região envolvia “[...] a) o estímulo a exportações não competitivas das repúblicas da América Latina para os EUA e do comércio entre as repúblicas latino-americanas; e b) o incentivo à indústria em todas as repúblicas latino-americanas” (p. 55 - tradução minha)¹⁶. Na prática, as medidas significavam, respectivamente: aumento de reservas por parte dos países latino-americanos através da venda de itens básicos (alimentos, óleos vegetais, insumos estratégicos, entre outros) para os Estados Unidos - visto como meio de fortalecer os laços entre as partes - e a industrialização para a não-dependência de países europeus e

¹³ *Inter-American Financial and Economic Advisory Committee.*

¹⁴ No original: “[...] to attack predictable wartime economic dislocations and to explore long-term methods of increasing inter-American trade and promoting Latin American economic growth”.

¹⁵ *Inter-American Development Commission.*

¹⁶ No original: “[...] a) the stimulation of non-competitive exports from all the Latin American republics to the USA and commerce among the Latin American republics; and b) the encouragement of industry in all Latin American republics.”

asiáticos, incentivando a produção de bens de consumo, mas não de bens de capital¹⁷ (que continuariam a ser providos pelos Estados Unidos).

Com a aproximação da guerra e o avanço da preparação estadunidense para tal, a política de boa vizinhança adquiriu alguns pontos militares, visando coordenar medidas para a defesa do hemisfério, estabelecendo acordos bilaterais com os países latino-americanos.

Um conflito iminente e a posição intermediária mantida por Vargas até então criaram um cenário propício para negociações entre o Estado Novo e os Estados Unidos e, paralelamente, a Alemanha. Segundo Jaguaribe (2006, p. 33)

Embora mantendo um relacionamento preferencial com os Estados Unidos, o Brasil substitui o alinhamento automático por uma política mais pragmática, levando em conta seus interesses junto à Alemanha, que conduzirão ao acordo dos marcos de compensação.

Essa postura de “equidistância pragmática” permitia que o Brasil barganhasse e tirasse proveito da disputa entre os blocos de poder (Estados Unidos e Alemanha). Tanto que foi dessa forma que o governo brasileiro conseguiu o apoio necessário para a construção da indústria siderúrgica de Volta Redonda, no Rio de Janeiro – e a consolidação desse projeto traduziu o desejo do país de aproveitar os vastos recursos minerais disponíveis e, com isso, impulsionar o desenvolvimento econômico nacional. Entretanto, como demonstram Cervo e Bueno (1992), houve resistência por parte dos Estados Unidos no final da década de 1930 e início da década de 1940, quando a U.S. Steel não se interessou pelo projeto. Ao saber disso Vargas anunciou que procuraria outros meios para concretizar os planos, ou seja, procuraria apoio alemão. As conversas sobre o assunto duraram até a conquista da França pelo governo de Hitler, quando Vargas proferiu um discurso que obteve grande repercussão ao prever o fim das democracias e elogiar os regimes dos países do eixo – dias mais tarde, fez outro discurso buscando acalmar os ânimos ao afirmar que “não se afastaria da solidariedade pan-americana”. A intenção do primeiro discurso era justamente causar receio – e funcionou, tanto que logo depois o governo americano se declarou disposto a negociar os termos para tirar a usina siderúrgica de Volta Redonda do papel – e fora esse objetivo, outros pontos foram

¹⁷ Entende-se aqui bem de consumo como sendo o item final vendido ao consumidor e bem de capital como sendo os bens necessários e utilizados no decorrer da produção de um item.

acordados entre os países¹⁸. Os Estados Unidos concordaram em enviar auxílio não apenas para “barrar” a influência do Eixo no Brasil, mas também motivados pelo temor causado tanto pelo avanço alemão e italiano na Europa e norte da África quanto pelos ataques a Pearl Harbor – visto que, pensando estrategicamente, o Nordeste brasileiro encontra-se numa posição privilegiada para executar manobras militares de ataque e de defesa.

O governo brasileiro decretou estado de beligerância contra Alemanha e Itália em 31 de agosto de 1942, motivado por grande pressão popular, causada pelas notícias dos ataques alemães a navios de passageiros brasileiros, e externa – “Reconhecimento do estado de beligerância e não-declaração de guerra, em atenção à tradição do país de nunca a declarar” (CERVO; BUENO, 1992).

2.4 A aproximação cultural: o *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* de Rockefeller e a Seleções.

Dada a conjuntura do final da década de 1930 e início da década de 1940, os Estados Unidos olhavam com cautela para os países da América Latina em que se viam movimentos de cunho mais nacionalistas e algum grau de rejeição à introdução da cultura americana e ao *american way of life*¹⁹, além de considerarem que

Os governos estabelecidos pareciam impotentes para solucionar os problemas do dia; movimentos radicais de vários matizes clamavam por mudanças drásticas e por todo lado emergiram regimes ditatoriais de cunho ultranacionalista, que anunciavam o fim das liberdades democráticas e o estabelecimento de uma nova “ordem”. (MOURA, 1995, p. 13)

Assim, o “Tio Sam” via como necessário americanizar o Brasil, pois isso “[...] quebraria possíveis resistências à aproximação política entre os Estados Unidos e o Brasil” (TOTA, 2000, p. 19) e garantiria a parceria entre os mesmos. A Política da

¹⁸ “Além do relativo à siderurgia, os governos de Washington e Rio de Janeiro chegaram a um acordo sobre o fornecimento de café ao mercado norte-americano, sobre a participação brasileira no mercado canadense de algodão e sobre a venda de materiais estratégicos aos Estados Unidos” (CERVO; BUENO, 1992, p. 239).

¹⁹ Tota (2000) cita as críticas feitas por Lamartine Babo e Noel Rosa nas músicas “Canção para inglês ver” e “Não tem tradução” – respectivamente – e também a resposta de Carmen Miranda aos comentários de sua americanização e distanciamento da civilização – no caso, europeia, já que sua influência ainda dominava as expressões artísticas brasileiras na época – através da canção “Disseram que voltei americanizada”.

Boa Vizinhança então começa a operar e a desenvolver a ideia de americanismo²⁰, que amplificava a ideia de que a paz poderia ser alcançada através da generalização do consumo e que atribuiu a algumas palavras como progresso, abundância, eficiência e padrão americano de vida, um significado praticamente mítico (TOTA, 2000).

Do lado brasileiro, entretanto, o americanismo não era bem quisto por boa parte das Forças Armadas, pois estas entendiam que este era o reflexo de uma “[...] sociedade excessivamente materializada e mercantilizada” (TOTA, 2000, p. 23), vendo no modelo nazista um exemplo mais adequado – ainda mais com o avanço das conquistas de Hitler na Europa Ocidental. Apesar disso “Enquanto não conquistasse sua independência técnica, o Brasil poderia comprar, pelo sistema de compensações oferecido pelos alemães, armas e máquinas produzidas nas grandes indústrias germânicas” (TOTA, 2000, p. 26). Vargas estava ciente que mesmo assim a realidade brasileira exigia um modo de funcionamento muito diferente do que ocorria na Alemanha. Desse modo, “ele procurava manter-se, no plano internacional, equidistante em relação tanto ao imperialismo mercantil ianque como ao imperialismo romancista germânico” (TOTA, 2000, p. 27).

Enquanto isso, analisando a situação política no Brasil e com a aproximação das eleições presidenciais de 1940 nos Estados Unidos, Franklin D. Roosevelt tentou (e conseguiu) sua terceira reeleição, enfatizando a defesa e a cooperação continentais – preocupado, principalmente, em deter a persuasão alemã e “[...] as marcas deixadas nos inquietos vizinhos do sul pela política do ‘porrete grande’ (*big stick*) [...]” (MOURA, 1995, p. 15). Nesse contexto, é elaborada a política estadunidense para a América Latina, tendo papel principal Nelson Aldrich Rockefeller.

Nelson Rockefeller, filho de John D. Rockefeller Jr. e parte de uma família de milionários dona da *Standard Oil Company*, tinha fortes princípios religiosos - assim

²⁰ Essa “ideologia pragmática” é formado por três aspectos principais: a democracia, comumente associada a ideias de liberdade, independência e direitos individuais que estariam garantidos à população americana sem distinções religiosa, financeira e étnica; o progressivismo, que “[...] enaltece o homem energético e livre, capaz de transformar o mundo natural” (TOTA, 2000, p. 20), esse homem poderia prover vários itens úteis, o que acabaria por dar origem a uma “[...] nova forma de prazer: o prazer de consumir” (TOTA, 2000, p. 20); e o tradicionalismo, que Tota (2000, p. 20) define como o “[...] mito da vida pura e saudável na fazenda, a relação íntima com a natureza, a cidade pequena, o enaltecimento dos valores familiares, a coragem dos indivíduos, o temor a Deus”, porém válido apenas para “[...] brancos, fundamentalistas religiosos, anglo-saxões, anticomunistas e imperialistas apaixonados” (TOTA, 2000, p. 20).

como a família, que deu início a atividades filantrópicas para tentar apagar a imagem de suas empresas, presentes na América Latina, conhecidas pela violência contra os trabalhadores. As atividades da Fundação Rockefeller, responsável por esse ramo de atividades da família, desempenhava suas missões sanitárias, culturais e religiosas ao mesmo tempo em que disseminavam a ideia de revolução como doença social, a qual somente poderia ser tratada com auxílios e propagandas. Nelson atuou inicialmente no Departamento de Negócios Estrangeiros do *Chase National Bank* e posteriormente como presidente do Museu de Arte Moderna (MoMA), o qual foi “[...] aos poucos transformado em um verdadeiro território livre para as manifestações artísticas da América Latina [...]” (TOTA, 2000, p. 45), tendo sua devida importância para a nova política dos Estados Unidos com seus vizinhos ao sul.

Em suas viagens pela América Latina, Nelson Rockefeller deu impulso para o envio de professores, médicos e missionários para suas empresas lá instaladas, fortalecendo as atividades da Fundação Rockefeller, mas não apenas para melhorar a imagem das empresas, como também porque entendia que “A miséria resultante do atraso econômico dos países latino-americanos poderia propiciar revoluções lideradas por nacionalistas, socialistas ou simpatizantes do nazi-fascismo, movimentos que punham em xeque os interesses dos Estados Unidos” (TOTA, 2000, p. 47).

Durante o processo eleitoral de 1940, dois grupos formularam propostas de políticas para a América Latina: o primeiro era liderado por Sumner Welles (então subsecretário de Estado) e auxiliado por Adolf Berle e pelo então líder da União Pan-Americana; e o segundo fora organizado por Nelson Rockefeller – apesar de não tão conhecido, o grupo obteve grande alcance. O objetivo da Junta – como se autodenominava o segundo grupo – era “[...] impedir o crescimento do comércio e da influência do Eixo no sub-continente, e para isso os Estados Unidos deveriam adequar sua política aos nascentes movimentos nacionalistas, em vez de combatê-los” (TOTA, 2000, pp. 47-48). Assim, o grupo de Rockefeller apresentou o memorando *Hemisphere Economic Policy*, que defendia que a solução seria tornar a economia latino-americana mais competitiva, o que garantiria uma estreita relação com os países da região e controlaria o sentimento de “antiamericanismo”.

Rockefeller, tentando evitar mais disputas e problemas de relacionamento entre departamentos do governo estadunidense do que já se viam, não sugeriu seu

nome como coordenador do programa elaborado pela junta, mesmo tendo essa pretensão. O mesmo motivo que o levou a “omitir” seu nome foi o que fez com que o então presidente dos Estados Unidos escolhesse Rockefeller, por ser visto como “neutro”. Assim surge o *Office for Coordination of Commercial and Cultural Relations between the Americas* em 16 de agosto de 1940 e que já no ano seguinte muda seu nome para *The Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* (OCIAA), “[...] o que dá bem uma idéia do aumento da autoridade de Nelson: de escritório de coordenação passou a escritório do coordenador” (TOTA, 2000, p. 50). A organização semimilitar, como Tota (2000) se refere ao *Office*, tinha seu centro em Nelson.

Ele era o centro, e não permitia que ninguém ofuscasse sua liderança. Quando isso acontecia, o jovem Rockefeller, cioso de seu poder, alicerçado em uma das maiores fortunas do planeta, movia todas as forças para destruir seu possível oponente. Sob a aparência democrática das reuniões do Office escondia-se o autoritarismo de seu líder. (TOTA, 2000, p. 51)

Nas bases do *Office* encontravam-se os objetivos político-econômicos. Roosevelt deu praticamente liberdade total a Rockefeller ao ver que as exportações brasileiras estavam muito comprometidas com o “fechamento” do mercado europeu. Tal fechamento poderia comprometer ainda mais a delicada situação da América Latina e, talvez, abrir portas para o crescimento das afinidades com governos fascistas/nazistas. Assim sendo, Rockefeller lançou o plano de compra de materiais estratégicos de seus vizinhos ao Sul. Dessa maneira, o que teria se perdido com a exportação para a Europa acabaria indo para os Estados Unidos. Paralelamente, com a queda do desemprego que se previa com essas ações, um possível crescimento da influência nazifascista se tornava mais improvável. E por fim, tais materiais estratégicos – abundantes na região – acabariam por ajudar a fortalecer e criar uma verdadeira máquina de guerra. O plano de Rockefeller foi implementado e fortalecido ainda mais após os ataques a Pearl Harbor, com destaque para a borracha e o quartzo brasileiros. Apesar desses avanços, Nelson percebia uma deficiência nas relações culturais entre os países

Cultura e propaganda passaram a ser consideradas materiais tão estratégicos como qualquer outro produto. A estabilidade política e social seria a melhor defesa de todo o continente. O combate ao germanismo deveria ser feito via mercado. (TOTA, 2000, p. 53)

Para que a ideia de Nelson de que o futuro dos negócios estadunidenses dependia, entre outros fatores, de que a venda do *american way of life* fosse levada adiante, e contou com o apoio de Henry Wallace (secretário da Agricultura do governo Roosevelt e, posteriormente, vice-presidente) e de J. Edgar Hoover (chefe do FBI – *Federal Bureau of Investigation*) – já que “[...] a comunicação incluía o serviço de inteligência. Em outras palavras, significava também espionagem” (TOTA, 2000, p. 54). Com isso, a imprensa tornou-se um dos mais importantes meios de disseminação do americanismo lapidado pelo OCIAA. Dentre as três principais divisões do *Office*²¹, a de Comunicação – considerada a “espinha dorsal” – e, aqui em especial, a Divisão de Imprensa e Publicações, tinha como objetivos “a) difundir “informações positivas sobre os Estados Unidos, por intermédio de uma rede de comunicação mantida pelo OCIAA, em estreita colaboração com os países do continente; b) contra-atacar a propaganda do Eixo” (TOTA, 2000, p. 55). Essa divisão foi uma das maiores do *Office*, contando inclusive com a atuação de vários brasileiros entre seus mais de 200 funcionários. As atividades variavam desde o envio de radiofotos até a distribuição de documentos oficiais, panfletos, dentre outros²².

Apesar de os esforços de guerra forçarem a indústria a se voltar para a produção bélica, o que levou a tornar mais escassos itens como automóveis e geladeiras, Rockefeller insistia para que os grandes produtores continuassem a anunciar seus produtos, mesmo que não pudessem vendê-los. Isso porque a ideia passada era a de um “futuro feliz, eletrificado, estandardizado” que “[...] mascarava a mercadoria sob o manto democrático-liberal da luta contra o nazi-fascismo, contra o totalitarismo” (TOTA, 2000, p. 57) - “O Birô era, portanto, parte do esforço de preparação para a guerra, em que se achava empenhado o governo Roosevelt, convencido de sua inevitabilidade desde o início de 1939” (MOURA, 1995, p.22).

Paralelamente, a revista “Seleções”, que não fazia parte dos planos de Rockefeller, desempenhou um papel importante ao disseminar o *american way of life* em terras brasileiras. A revista, que alcançava cerca de cinco milhões de exemplares

²¹ O *Office* era constituído pelas seguintes divisões (sendo que cada um tinha suas subdivisões internas): Divisão Comercial e Financeira, Divisão de Comunicações e Divisão de Relações Culturais.

²² Um exemplo foi a divulgação do discurso proferido por Roosevelt antes da declaração de guerra ao Eixo, “Por que nos armamos”, que atingiu 15 milhões de cópias distribuídas. Posteriormente, livretos que abordavam a atuação estadunidense na guerra, como “Os Estados Unidos na guerra e Heróis verdadeiros”, também eram distribuídos – o item citado como exemplo atingiu mais de 2 milhões de exemplares.

no mundo, chegou ao Brasil em 1942 como a versão brasileira da *Reader's Digest*²³. A revista divulgava textos selecionados já publicados pela imprensa dos Estados Unidos e de fácil assimilação. Ademais, era impressa em material que mantinha as ilustrações com mais qualidade, sendo, portanto, propícia a anúncios – entre eles os que traziam a temática do *american way of life*.

A atividade voltada à aproximação cultural entre Brasil e Estados Unidos não surtia seus efeitos apenas aqui. Havia também um intenso trabalho com a população estadunidense, visando mostrar a importância de um parceiro como o Brasil, como seus produtos eram fundamentais à sua indústria e como precisavam evitar que os países do Eixo pudessem se aproveitar e usufruir de todos os recursos naturais abundantes na região. Enquanto isso, paralelamente, outro departamento do governo americano, o *Office of Strategic Service – State Department Intelligence and Research Reports* desenvolvia um documento que pode ser definido como um “guia” sobre o Brasil, visando evitar constrangimentos e facilitar as relações com o país. Assim, surgia a ideia de que a cooperação entre os países se fazia fundamental para a “[...] salvaguarda do hemisfério ocidental, diante da ameaça nazista” (TOTA, 2000, p. 109).

²³ A *Reader's Digest* surgiu em 1922, na cidade de Pleasantville (Nova York, EUA) e chegou ao Brasil em 1942, com o nome de “Seleções”, quando sua primeira edição esgotou ao atingir uma tiragem de 100 mil exemplares em menos de seis meses.

3. Breve histórico da imprensa brasileira – início do século XX até 1942

No fim do século XIX e início do século XX, a produção artesanal da imprensa foi dando lugar a processos mais industriais. Além disso, o período em questão foi marcado pela abolição da escravidão no Brasil e a instauração da República, sendo, portanto, caracterizado pelo crescimento dos centros urbanos e, conseqüentemente, do setor de serviços, prosperidade econômica (com o comércio de café), extensão da malha ferroviária brasileira, chegada de imigrantes, além do desejo do então governo de reformar o ensino. Todos esses fatores contribuíram, de alguma forma, para o fortalecimento e expansão dos periódicos, sendo esses o meio de informação principal do país. (MARTINS; LUCA, 2008).

Com o passar do tempo, os jornais passaram a incorporar crônicas, reportagens, entrevistas e outros gêneros, incluindo textos de ficção, conduzindo ao surgimento das seções especializadas. Isso acabou levando também à distinção entre as matérias informacionais (ou jornalísticas) e as de opinião, sendo que as primeiras seriam, teoricamente, neutras, enquanto as segundas partiam de um posicionamento do autor (MARTINS; LUCA, 2008).

A grande mudança nesse cenário, de acordo Martins e Luca (2008) “[...] foi o declínio da doutrinação em prol da informação [...] Consagrou-se a ideia de que o jornal cumpria a nobre função de informar ao leitor o que se passou, com rigoroso respeito à ‘verdade dos fatos’”²⁴. Tal mudança foi favorecida/facilitada pela presença de agências internacionais - segundo Martins e Luca (2008) *Havas, Reuters, Associated Press e United Press Association* - no Brasil, que começaram a se fazer presentes no país desde o início do século XX. Junta-se a isso o fato de que a imprensa enfrentava grandes desafios financeiros, vendo-se obrigada a aumentar os preços de anúncios publicitários e incorporar outras formas de arrecadação, como as matérias pagas. Ademais, não se deve esquecer que a imprensa continuava a manter forte contato com o setor político (MARTINS; LUCA, 2008).

²⁴ É válido também lembrar que “Ora, o jornalismo deve ser ‘imparcial’, mas deve ‘interpretar’ os fatos e ‘guiar’ os seus leitores. Fica evidente que há uma interpretação e um sentido que devem brotar naturalmente dos próprios fatos, com base, portanto, nos preconceitos e concepções dominantes na sociedade, que se manifestam no chamado ‘bom senso’, expressão individual da ideologia hegemônica” (GENRO FILHO, p. 30-31, 1987) – ou seja, a imparcialidade é real ou apenas uma impressão?

A ascensão ao poder de Getúlio Vargas foi marcada por um período de incertezas nas relações com os jornais, além de instabilidade geral no país, as quais justificaram as atitudes do governo que visavam limitar a liberdade de expressão em diversos meios de comunicação (rádio, cinema, jornais, revistas...). Logo após essa instabilidade inicial, foi promulgada a nova Constituição, em 1934, porém esta logo foi atacada pelo presidente Vargas, que argumentava que a mesma fragmentava e diluía a autoridade do governo, dando espaço para a “indisciplina”. Deve-se ter em mente que os ideais liberais e democráticos, presentes na Constituição de 1934, estavam sendo fortemente criticados por serem incapazes de resolver os problemas e as contradições do sistema capitalista, abrindo, então, “caminho ao comunismo”.

Com esse discurso, e após a “Intentona” de 1935, o governo brasileiro entendia que o comunismo não era mais algo distante, mas que havia se tornado uma ameaça real e que estava prestes a dominar o país. Dessa forma, em 1937, foi promulgada uma nova Constituição - também conhecida como “Polaca”, por sua inspiração no regime polonês, caracterizando-se pelo autoritarismo e por conceder poderes quase que ilimitados ao governo. Essa mesma constituição passou a considerar a imprensa como um “serviço de utilidade pública”, o que fazia com que esta fosse forçada a publicar os comunicados do governo. Assim, os jornais seriam obrigados a se inscreverem no Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que havia sido criado em 1939, para que pudessem continuar circulando. Segundo estimativas, em torno de 30% das inscrições não foram aprovadas e os jornais tiveram de ser fechados (MARTINS; LUCA, 2008).

O período do governo Vargas foi marcado pela “[...] noção nascente de sociedade de massa, em que o indivíduo tem comportamento social e moral marcado pela desorientação, formando um todo amorfo, anônimo e uniforme” (BARBOSA, 2010), a qual deveria ser guiada pelo governo, na figura do líder, para então criar uma nação. Assim, a política brasileira buscou apoio na imprensa para fortalecer o culto à personalidade, a personalização do poder e também para a disseminação dos saberes nacionais (BARBOSA, 2010). Capelato (1998), ao abordar o uso de símbolos durante o governo Vargas como forma de legitimar e conseguir o consentimento da população, mostra que os mais utilizados eram o retrato do presidente Vargas e também a bandeira brasileira. Além de legitimar o governo, o uso de ícones também tinha por objetivo definir os bons e os maus, os aliados e os inimigos. Segundo Capelato (1998),

A chama de consciência e as veleidades de resistência se enfraquecem nesse universo onde todos os sentidos são agredidos permanentemente. O signo fascina os olhares, mobiliza as energias, compensa as frustrações e infla as vaidades. Por um jogo de identificações, ele encadeia a sorte dos amigos e do líder e, ao mesmo tempo, catalisa a violência, permitindo descarregá-la sobre os inimigos, 'bodes expiatórios' do momento.

Capelato (1998) também exhibe o processo de criação da “sociedade em festa” como uma sociedade fraterna, unida em torno do líder e do Estado, em que prevalece a harmonia social. Isso, segundo a autora, se deu pelo fato de que é preciso atingir o emocional da população para que as normas e regras sejam de fato absorvidas

Num jogo de luzes, cores, sons, movimentos, provocava-se uma espécie de alucinação coletiva. Excitação e devotamento provocam liberação, mas se trata de um desregramento regulador posto que a descarga que ele autoriza reforça inconscientemente a dependência do pequeno homem em relação ao promotor do espetáculo [...] A festa instala a alegria: a alegria espalha-se em profusão; a festa legitima o regime (CAPELATO, 1998).

No final dos anos 1930 e início dos anos 1940, Júlio Paternostro, colaborador da “Revista do Brasil”, médico do Serviço de Febre Amarela do Ministério da Saúde e funcionário da Divisão Internacional de Saúde Pública da Fundação Rockefeller, denunciou o que considerava ser um abandono de regiões em Santa Catarina – bem como outras regiões do país - aos imigrantes alemães, e utilizava seus textos para exigir do governo medidas em prol de nacionalizar essas áreas. O autor reconhecia que a presença destes trouxe avanços econômicos, mas considerava tal situação de alto risco, visto a recente invasão na Polônia (LUCA, 2011).

Paralelamente, outras notícias veiculadas exaltavam a luta contra o fascismo, entendendo que isso também compreendia lutar contra a visão de que os esforços conjuntos aos dos Estados Unidos consistiriam em uma forma de submissão brasileira àquele país. Tal cooperação foi reestruturada quando os Estados Unidos declararam sua entrada no conflito após o ataque a Pearl Harbor (1941), com a criação do *Office for the Coordination of Commercial and Cultural Relations between the American Republics* - posteriormente renomeado para *Office of Coordination of Inter-American Affairs*, dando início a uma aproximação cultural por meio de textos veiculados em jornais, livros, filmes, músicas e outros meios de comunicação. Tal mensagem fora bem recebida pelos brasileiros porque os “[...] norte-americanos

herdaram e assimilaram as velhas culturas europeias e deram-lhes ‘um sentido novo, mais simples, mais sadio, mais alegre’” (PEREIRA, 1941 apud LUCA, 2011).

Assim, contando com a mídia para disseminar informações sobre os conflitos, os ataques e a aproximação entre Brasil e Estados Unidos, é perceptível o papel da imprensa como um meio de formação e influência da opinião pública, tendo, portanto, desempenhado seu papel em relação aos fatos e às decisões posteriormente tomadas pelos representantes do país.

4. Sobre Blumenau antes de 1942, o “Cidade de Blumenau” e as notícias

A cidade de Blumenau tem sua origem em 1850, quando foi fundada por um grupo de imigrantes alemães, entre os quais o então líder Dr. Hermann Otto Blumenau. Naquele período, o governo brasileiro colocava em prática políticas de imigração visando povoar e ocupar o vasto território do país, com terras propícias para a agricultura. Assim, até 1850 ocorria a concessão de terras para agricultura familiar – após esse período, tais propriedades passaram a ser vendidas. Ademais, a abolição do tráfico de escravos e, posteriormente, da escravidão, serviram como incentivo para a vinda de imigrantes. Dessa forma, os imigrantes não apenas substituiriam a mão-de-obra escrava, mas também contribuiriam para o desenvolvimento do país.

Aliado a isso, havia o interesse de políticos e intelectuais ligados ao governo e do próprio governo imperial na diminuição do número de negros no Brasil, com projetos de imigração de populações brancas, “para se chegar à “raça pura” (branca) através da miscigenação seletiva”, como argumenta Seyferth (1986, p. 54), o que caracterizou a “ideologia do branqueamento” da população brasileira, com a assimilação dos imigrantes pela população mestiça e negra. (PEREIRA, 2005)

No caso blumenauense, os imigrantes que aqui chegaram tiveram dificuldades em manter contato com o restante da sociedade nacional, já que as colônias da região eram pioneiras e não se localizavam próximas a outros centros urbanos. Dessa forma, logo no início da colônia de Blumenau surgiram instituições que visavam aproximar os seus habitantes, fazendo uso de atividades artísticas, culturais e de lazer. Fora as atividades culturais, devido ao precário sistema de educação nacional da época²⁵, surgem as primeiras escolas particulares – sendo que esse sistema de ensino particular se consolidaria ao longo dos anos. Os dirigentes da colônia costumavam reclamar ao governo sobre essa situação, já que a língua portuguesa era ministrada apenas em escolas públicas.

Apesar da maioria alemã, é preciso ter em mente que a imigração não ocorreu em um único período, e que imigrantes de outras nacionalidades chegaram ao Vale do Itajaí. Como demonstra Frotscher (2003, p. 14)

²⁵ Segundo Pereira (2005), em 1863 havia apenas uma escola pública na colônia de Blumenau. Anos depois, em 1883, somavam-se duas escolas públicas e noventa escolas particulares.

Em 1850 iniciou a entrada dos imigrantes de língua alemã, em 1860, a entrada de imigrantes suíços, belgas e holandeses, em 1875, a entrada de imigrantes proveniente do território italiano e tirolês, e em 1890, a entrada de imigrantes russos, poloneses e húngaros.

Segundo um recenseamento feito em 1927, “de um total de 98.663 habitantes, 53% declararam como língua materna a alemã, 28% a língua portuguesa, 16% a língua italiana, 2% as línguas polonesa e russa, e os restantes 1% as línguas francesa, holandesa, sueca e outras” (FROTSCHEER, 2003, p. 14-15).

Tendo em mente esse cenário, as tensões cresciam com a aproximação de conflitos e conseqüente florescimento dos sentimentos nacionalistas que acusavam o Estado de Santa Catarina de estar “[...] infestado pelo vírus da desnacionalização, no qual os brasileiros são criados como se fossem estrangeiros” (SEYFERTH, 1981, p. 183 apud FROTSCHEER, 2003, p. 14-15). Assim foram motivadas as campanhas de nacionalização. Em 1917, após o Brasil declarar apoio aos Aliados, uma das medidas tomadas foi a regulação do ensino, o que resultou no fechamento de várias escolas da região²⁶. Já a segunda campanha de nacionalização, ocorrida durante o governo Vargas visava assimilar os imigrantes e seus descendentes e isso ocorreria sob pena de prisão e outras punições.

Além das punições relativas ao uso da língua, após a proibição, houve casos de prisão de moradores de Blumenau por (suposta) associação/relação com o partido nazista ou com o Eixo em geral.

A repressão a membros do partido nazista e a supostos “eixistas” endureceu sobretudo a partir do momento em que o Brasil entrou na Segunda Guerra Mundial, em 1942. O governo não fez clara distinção, em muitos casos, entre integrantes do partido nacional-socialista alemão e outros alemães e descendentes, provocando arbitrariedades de todos os tipos. [...]

Diversas pessoas que moravam em Blumenau foram presas em campos de concentração, como os documentos da época se referem, que existiram em Santa Catarina, durante a Segunda Guerra Mundial. De acordo com um ofício do delegado de Ordem Política e Social de Santa Catarina, de fins de 1943, estavam confinados no Campo de Concentração de Trindade, em Florianópolis, naquela época, 68 alemães, por motivos de “segurança nacional”, entre os quais, 21 com residência em Blumenau. (FROTSCHEER, 2003, P.125-126).

²⁶ “A Lei Estadual nº. 1.187 e o Decreto 1.063 de 1917 determinaram uma série de medidas, entre elas o ensino exclusivamente em português com obras de autores nacionais, que resultaram no fechamento das escolas particulares. O Decreto proibiu, ainda, que as Superintendências Municipais subvencionassem escolas particulares que não ensinassem exclusivamente em português. Para a reabertura dessas escolas era necessário que se ajustassem às medidas legais” (PEREIRA, 2005).

Silva e Wiik (2008, p. 94), referindo-se à cultura alemã da região, afirmam que “Durante o período estadonovista, os elementos constitutivos dessa identidade étnica foram profundamente desafiados pela política de nacionalização na região, cujos princípios chocavam-se frontalmente com os primeiros”. Os autores ainda afirmam que a mídia foi o elemento central da construção ideológica da época. A ideia do nacionalismo tinha como objetivo “[...] *assimilar* os estrangeiros e descendentes à sociedade nacional, anulando as diferenças étnicas e raciais por meio do *branqueamento* e da miscigenação do europeu com os nacionais” (SILVA; WIİK, 2008, p. 95 – grifo dos autores).

4.1 Literatura em Blumenau – a imprensa e o jornal “A Cidade de Blumenau”

Blumenau, em 1936, contava com uma circulação de literatura considerável para a época – apenas a Biblioteca Alemã contava com 1464 volumes, sem contar as obras localizadas nas demais bibliotecas da cidade. Fora estes locais, Frotscher destaca a existência de “círculos de livros” entre os moradores da região, bem como a participação destes em programas empreendidos por instituições alemãs que visavam divulgar a sua língua e também passar a ideia de que os descendentes fora da Alemanha também pertenciam a ela²⁷.

Assim, pode-se perceber que a imprensa era de grande importância. No caso da imprensa veiculada em língua alemã, esta teve um “[...] importante papel como veículo de expressão da etnicidade germânica e porta-voz dos interesses dos imigrantes e seus descendentes” (PEREIRA, 2005).

Voltando-se à compreensão da imprensa, como afirma Fernandes (2005), no Vale do Itajaí - assim como ocorreu ao redor do mundo - ela surgiu fortemente vinculada à política. Deve-se destacar ainda que Santa Catarina - e particularmente a região do Vale - foram apresentados ao jornalismo impresso tardiamente, sendo o

²⁷ “Diversas livrarias, como a de Carl Wahle, G. Artur Koehler, Starke & Co., ofereciam em Blumenau uma grande variedade de livros e revistas em língua alemã, fazendo propaganda de novas aquisições nas páginas dos periódicos locais. Havia também círculo de livros entre os moradores. Ainda em relação à leitura, algumas pessoas em Blumenau faziam parte do programa *Leserpatenschaft*, intermediado pelo DAI de Stuttgart, ou através do *Institut für Auslandskunde, Grenz- und Auslandsdeutschum*, de Leipzig, através do qual um alemão-padrinho enviava um livro para um interessado fora da Alemanha, com o qual também mantinha correspondência. Estes programas visavam a divulgação da língua alemã fora da Alemanha, através da literatura, assim como divulgavam entre os descendentes de alemães no estrangeiro a idéia de que pertenciam à comunidade racial e nacional alemã (*Volksgemeinschaft*)” (FROTSCHER, 2003, p. 154-155)

“*Kolonie Zeitung*”, lançado em 1862, considerado o primeiro jornal de Blumenau (apesar de ter sido lançado em Joinville, no norte do estado). Os primeiros jornais impressos no Vale do Itajaí surgiram apenas nos anos 1880, cerca de 50 anos após o lançamento do primeiro jornal da província catarinense, “O Catharinense” - publicado pela primeira vez em Florianópolis em 1831, por Jerônimo Coelho - e aproximadamente 30 anos após o início da colonização daquela região do interior do estado.

Analisando mais especificamente o jornalismo impresso na cidade de Blumenau, o “*Blumenauer Zeitung*” é considerado o primeiro jornal da cidade e da região. O jornal surgiu em 1881 a partir da iniciativa de Hermann Baumgarten, descendente de alemães, e apesar da proibição da fala ou escrita em língua alemã durante o governo Vargas, continuou a ser editado neste idioma até a declaração de guerra ao Eixo em 1942 (SILVA, 1977).

Segundo Frotscher (2003, p.167), já no início da década de 1930 era percebido que artigos que definissem e defendessem a separação entre descendentes de alemães e brasileiros poderiam tornar-se um risco à sua própria existência. Dois grandes jornais da época, tanto o “*Urwaldsbote*”, quanto o “*Blumenauer Zeitung*”, manteriam a ideia de que era necessário manter uma “fronteira étnica”. Tal atitude não foi vista com bons olhos e incentivava posições mais rígidas por parte das autoridades brasileiras – “As autoridades exerceram, durante a Campanha de Nacionalização, um controle rígido da entrada e circulação de revistas, impressos, jornais e livros publicados em alemão. Até mesmo bíblias e revistas de moda alemãs eram apreendidas em 1938” (FROTSCHER, 2003, p.169).

Deve-se lembrar ainda que após 1937 já era aplicada a censura em relação aos meios de comunicação e era também determinado que os jornais deveriam desempenhar funções públicas, estando, portanto, atrelados ao Estado – “Foi assim que os jornais perderam a sua identidade, sendo obrigados a reproduzir os discursos oficiais, dando ampla divulgação às inaugurações do governo, a defender as notícias dos atos do governo e a publicar fotos de Vargas” (FROTSCHER, 2003, p. 170).

O “*Blumenauer Zeitung*” deixou de ser publicado em 1939, enquanto seu concorrente, o “*Urwaldsbote*”, durou até 1941 devido às suas articulações com pessoas influentes – mesmo tendo sido um dos maiores defensores da “fronteira étnica” – e de articulações internas. Acabou sendo proibido em 1º de outubro de 1941 – sendo que o jornal já estava passando por uma queda de tiragem (em 1940,

estima-se que a tiragem média do jornal era de 6200 exemplares) desde que começou a publicar notícias em língua portuguesa, tentando sobreviver.

Com a proibição do “*Urwaldsbote*”, a imprensa de Blumenau fica quase que restrita ao jornal que é tema desta pesquisa: o “Cidade de Blumenau”, cujo primeiro exemplar surgiu em 1933 a partir da fusão dos jornais “A Cidade” e “Correio de Blumenau” - iniciados, respectivamente, em 1924 e 1932 -, ambos fundados pela iniciativa de José Ferreira da Silva²⁸. O “Cidade de Blumenau”, em seu início, era publicado bissemanalmente, passando por uma tentativa de implementação de circulação diária em 1938 - que durou apenas dois meses, forçando o jornal a retomar a periodicidade anterior até 1943, quando reassume a publicação diária. Sobre os dois jornais que originaram o “Cidade de Blumenau”, enquanto o “A Cidade” era tido como imparcial e neutro, o “Correio de Blumenau” inicialmente publicava caricaturas dos políticos em evidência (como Vargas, Oswaldo Aranha, Arthur Bernardes, entre outros), porém com o aumento das tensões no país, tal posicionamento começou a ser reprimido (SILVA, 1977). Apesar das origens mais críticas, o “Cidade de Blumenau” cumpria com seu papel de divulgar o regime de Vargas, e a imprensa perdia cada vez mais a sua liberdade.

Segundo Silva e Wiik (2008), antes de 1939 o jornal “Cidade de Blumenau” tinha por costume veicular notícias sobre as conquistas e avanços alemães em diversas áreas. Várias delas, inclusive, destacavam a importância das relações entre Brasil e Alemanha. Ademais “[...] visavam à manutenção da idéia de que o imigrante alemão era diferente de outros que aportaram no Brasil e que essa diferenciação revertia-se em ganhos para o País” (SILVA; WIJK, 2008). A partir de 1939, os aspectos alemães de Blumenau e as notícias sobre o país europeu foram cessando e ocupando lugares cada vez mais discretos nas folhas do periódico. Até que depois de 1940 as notícias passam a girar em torno da política de nacionalização, veiculando as novidades sobre os Aliados e suas conquistas contra o Eixo, assim como medidas e recomendações do governo Vargas aos brasileiros, estrangeiros e seus descendentes.

²⁸ De acordo com a descrição sobre o mesmo no início de seu livro, “A imprensa em Blumenau” (1977), José Ferreira da Silva nasceu em Tijucas, em 16 de janeiro de 1897, e faleceu em Curitiba, em 30 de dezembro de 1973. Atuou no serviço público e como professor em diversas escolas de Santa Catarina. Em reação à vida política, atuou como vereador e como prefeito de Blumenau entre 1938 e meados de 1942. Deve-se destacar também sua profunda ligação com o jornalismo da região, dado que o mesmo foi o fundador de diversos jornais que circularam em Blumenau na primeira metade do século XX.

Portanto, o período analisado no presente trabalho já reflete o alinhamento do jornal “Cidade de Blumenau” aos princípios nacionalistas do Estado Novo, agindo como portador de suas notícias e tentativas de nacionalizar a região de Blumenau.

4.2 Análise das publicações veiculadas em 1942 pelo “Cidade de Blumenau”

Primeiramente é necessário dizer que as imagens das edições do jornal “Cidade de Blumenau” aqui utilizadas foram obtidas através de fotografias feitas durante idas à Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, visto que é permitida apenas a sua consulta local pois o jornal em questão ainda não foi disponibilizado para acesso on-line. Assim sendo, algumas edições apresentam desgastes devido ao tempo. Após as imagens das notícias estarão disponíveis também as respectivas transcrições das notícias selecionadas.

Da primeira análise de todas as edições do “Cidade de Blumenau” publicadas em 1942 foram colhidas 365 notícias que tinham alguma relação com a Segunda Guerra Mundial (de forma geral – relatos dos *fronts*, notícias sobre avanços e derrotas dos lados, etc.) e o governo brasileiro (incluindo aqui as notícias sobre políticas interna e externa). Para viabilizar o estudo das mesmas, foi decidido um foco de análise: as relações brasileiras com os Estados Unidos. Assim, as notícias foram “filtradas”. Apesar do tema, foram mantidas – para entendimento mais amplo – notícias sobre as relações brasileiras com o Eixo, sobre a política interna e sobre forças armadas. Ao final das seleções, foram escolhidas 18 publicações veiculadas naquele ano.

Para que seja possível melhor analisar as notícias selecionadas, as mesmas serão divididas em quatro categorias, de acordo com seu conteúdo. As categorias de análise escolhidas foram: Política interna, o programa de nacionalização e o Contexto de Blumenau; Forças Armadas e poderio militar na Guerra; Política externa brasileira e os Estados Unidos; e Política externa brasileira e os países do Eixo. As imagens do jornal serão dispostas ao longo do texto, sendo que a transcrição está disponível nas notas de rodapé.

Ainda para a análise é necessário ter em mente, conforme dito na seção anterior, que o período analisado – o ano de 1942 – é caracterizado pelo alinhamento do jornal “Cidade de Blumenau” aos princípios nacionalistas de Vargas,

tecendo, então, os mais diversos elogios – diretos ou indiretos – ao governo e aos seus aliados. É importante deixar claro, ainda, que foram mantidas as estruturas e as grafias das palavras conforme constantes nos originais.

4.2.1 Política interna, o programa de nacionalização e o Contexto de Blumenau

No decorrer da presente seção serão analisadas as notícias intituladas “A Nação está unida” (de 20 de junho de 1942), “O Brasil nunca será escravo” (de 04 de julho de 1942), “Há brasilidade em Blumenau” (de 09 de setembro de 1942), “Foi decretada a mobilização geral” (de 19 de setembro de 1942), “A Prefeitura e o Estado de guerra” (de 03 de outubro de 1942), “As ruas de Blumenau têm nomes novos” (de 10 de outubro de 1942) e “Blumenau oferece á Pátria o primeiro contingente de enfermeiras da Cruz Vermelha!” (de 05 de dezembro de 1942).

Figura 1 - Notícia "A Nação esta unida"²⁹



Fonte - Figura 1: Cidade de Blumenau, ano XVIII, número 77 - 20 de junho de 1942

²⁹ Transcrição da notícia "A Nação esta unida":

"O Brasil, graças á união estabelecida entre o povo e o governo pode encarar com inteira confiança o futuro. Essa unidade de vistas instintivamente criada entre os dirigentes e todas as forças vivas da Nação, em face do drama que a humanidade vive neste momento, representa uma garantia que poderemos conservar o oasis de paz, centro do qual estamos amparados, ao abrigo dos horrores dum conflito, onde nações desaparecem no turbilão e no turbilão são lançadas massas e massas de homens desesperados.

O bom senso da Nação veio dar uma enorme força a um povo não belicoso, que jamais cogitou de organizar um grande arsenal guerreiro, porque sempre viveu em harmonia com os seus vizinhos, sempre respeitou os seus legítimos direitos e os seus vitais interesses, sem nunca criar nenhuma dificuldade á organização de sua vida, sob a égide de sua soberania.

País, com passado sem intransigências, encravado dentro dum continente que tem sido o pioneiro da paz, nada indicava que deveria preparar-se para enfrentar uma ameaça de violação de seu território e desrespeito de seus direitos soberanos.

Surge, nesta hora, um perigo que exige de todos uma vigilância sem precedentes. Como reagir a Nação, em face da excepcional gravidade da hora atual? Não lhe foi difícil estabelecer uma linha de defesa, que é a primeira muralha de resistencia. A Nação está unida. Esta primeira fase é a operação substancial, que o Brasil realizou, com uma maravilhosa intuição. Este ato raro de discernimento nos preservará de maiores sacrifícios na defesa de nossa liberdade, que representa o verdadeiro clima de nossa vida política." – quanto às questões da paz e da "não belicosidade" vale aqui lembrar, por exemplo, que um dos maiores conflitos, já ocorridos na América do Sul, a Guerra do Paraguai (1864 a 1870), teve grande participação do governo brasileiro.

Figura 2 - Notícia "O Brasil nunca será escravo"³⁰



Fonte - Figura 2 - Cidade de Blumenau, ano XVIII, número 81 - 04 de julho de 1942

³⁰Transcrição da notícia "O Brasil nunca será escravo":

"Rio, 2 – o "jornal do Brasil", a respeito da grande passeata universitária de amanhã, contra o "Eixo" escreve, entre outros comentários, o seguinte:

'Nunca a mocidade deixou de ter consciência democrática. A cidade vai aclamar os universitários num desses momentos em que a mocidade aparece na plenitude dos seus ideais. Ha ainda um sentido na manifestação: os estudantes querem mostrar a sua fidelidade ao Brasil, á Democracia eo seu aplauso á política externa do Governo. Uma das legendas do desfile de amanhã, e que Por certo se enquadra bem dentro do espirito da manifestação, é essa: "O Brasil nunca será escravo". O Brasil manterá, integros, intangíveis, os valores de sua cultura, as suas tradições morais, a sua soberania e o seu inviolavel direito de construir o proprio destino e de conquistar a sua eternidade de Patria. Ao mesmo tempo, a mocidade lançará o seu primeiro grito de guerra á Quinta Coluna, aos traidores, aos que tentam debalde uma obra de desagregação da nossa sobrevivencia como Nação livre.'"

Figura 3 -Notícia “Há brasilidade em Blumenau”³¹



Fonte - Figura 1: Cidade de Blumenau, ano XVIII, número 100 - 09 de setembro de 1942

³¹ Transcrição da notícia “Ha brasilidade em Blumenau”:

“Constituiu uma vibrante e excepcional manifestação de brasilidade e de civismo a comemoração do Semana da Patria em Blumenau. Em tempo algum de sua historia o nosso municipio presenciou tão grandiosa demonstração civica que reuniu num só bloco coeso e unido, inflamado pelo mesmo ardor patriótico, todas as unidades sociais, trabalhistas, comerciais e industriais.

Atravessando grave momento internacional, para o qual fomos impelidos pela força das circunstancias ao reagir energicamente contra inqualificável agressão totalitaria á soberania e á honra nacional, o Brasil comemorou na semana finda a sua mais significativa data politica. Em todos os recantos do seu imenso territorio os seus quarenta milhões e dois de brasileiros fizeram vibrar intensamente a fibra da nacionalidade, numa demonstração extraordinária do seu devotamento á Patria. Aqui entre nós, animados do mesmo sentimento de brasilidade e estimulado pelo entusiasmo caloroso do ilustre militar comandante do 32° B. C. e das autoridades civis, o nosso povo deu magnífica evasão ao seu patriotismo, expressando, de modo admiravel e incontido o devotamento, o amor e a exaltação de blumenauense pela grande Patria Brasileira.

Não acreditamos que em qualquer outra localidade do Estado a comemoração do Dia da Patria tenha se revestido do mesmo brilhantismo de Blumenau. Quasi toda a nossa população veio ás ruas principais, não para presenciar, como espectadores, as solenidades civicas, mas para nelas tomar parte ativa, desfilando com as autoridades, com as corporações sociais, com os colégios, com as entidades comerciais e industriais e com as tropas.

Ao terminar o desfile, que contou com cerca de nove mil pessoas, o Sr. Tte. Cel. Oscar Rosa Nepomuceno da Silva, distinto e bravo militar, Cmte. Do 32° B. C. visivelmente comovido falou do palanque oficial aos populares que em redor se aglomeravam. E suas palavras foram o reconhecimento de uma grande verdade, que muito lisongeiou os blumenauenses. “Hoje foi um dia feliz para mim. Vi que ha brasilidade em Blumenau. Sinto-me imensamente comovido”.

Tambem pensamos assim, com orgulho. Quando chegar o momento oportuno esta brasilidade de Blumenau se expressará com todo o vigor e com toda a energia, almejando ser honrada com o proprio sangue derramado em defesa da Patria, contra qualquer inimigo do Brasil.”

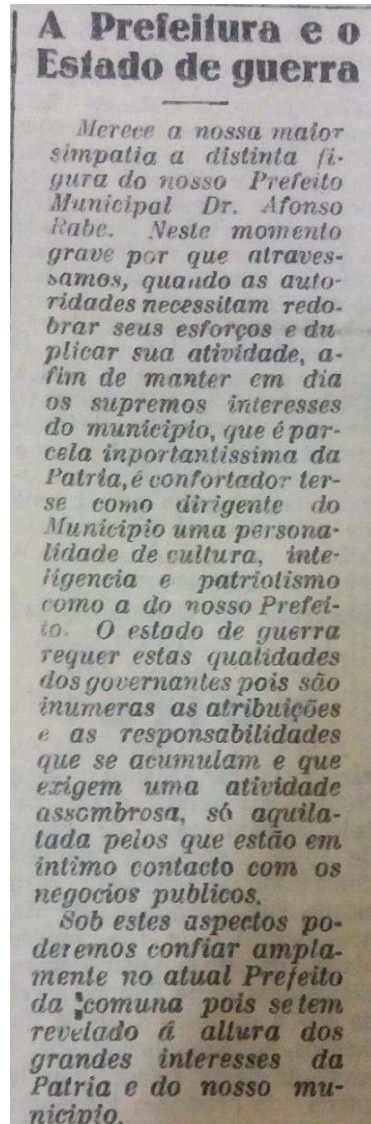
Figura 4 – Notícia “Foi decretada a mobilização geral”³²



Fonte - Figura 4: Cidade de Blumenau, ano XVIII, número 103 - 19 de setembro de 1942

³² Transcrição da notícia “Foi decretada a mobilização geral”:
 “Rio, 16 (A.N) – O Presidente da Republica decretou, hoje, a mobilização geral. O decreto respectivo está assim redigido.
 Art. 1º - É nesta data ordenada a mobilização geral em todo o território nacional, em virtude do estado-de-guerra declarado pelo decreto n. 10.358, de 31 de agosto de 1942.
 Art. 2 – Os reservistas das forças armadas aguardarão para se apresentarem às suas corporações a ordem de chamada expedida pela autoridade competente.
 Parágrafo único – A partir da data deste decreto todos os Brasileiros natos e naturalizados são obrigados, exceto os legalmente isentos, ao exercício do dever cívico da defesa nacional.
 Art. 30 – Os Ministérios e demais órgãos da administração pública federal, estadual e municipal tomarão as medidas que se impuserem no domínio econômico, militar, científico, de propaganda, de mão de obra e de trabalho, necessárias á defesa do território nacional.
 Rio, 17 (Ag. Nac.) – O Ministro da Guerra acaba de baixar a seguinte ordem ao Exército:
 Em cumprimento ao decreto de mobilização nº 10.451 de 16 do corrente mes, faço publico, para conhecimento do Exército e a devida execução, o seguinte: Mobilização Militar – 1º. A mobilização militar processar-se-á gradualmente mediante as ordens que serão em tempo expedidas do alto comando e aos demais órgãos dependentes deste Ministério. 2. A mobilização dos efetivos (quadros de tropa) obedecerá ao critério seguinte: 1º - oficiais da ativa (armas e serviços) serão distribuídos de acordo com a classificação á cargo das diretorias respectivas; da reserva – aguardarão as ordem de chamada dos órgãos de que dependem, de acordo com os respectivos destinos de mobilização do Estado Maior (da ativa e reserva) terão os destinos de mobilização com as alterações determinadas pelo Estado Maior do Exército, para corresponder á atual situação; 2º Praças (todas as graduações) – reservistas necessarios para completar os efetivos de mobilização serão chamados para a incorporação, á medida das necessidades, pelos comandantes de Regiões Militares e órgãos de comando e serviços, mediante ordens e instruções especiais deste Ministério. 3º Mobilização das unidades independentes e formações de serviços: ordens particulares deste Ministério regularão a mobilização das tropas e serviços de que trata o presente item. 4º - Continuarão em pleno funcionamento, até ulterior deliberação (ordens especiais) os órgãos da alta administração deste Ministério de que trata o decreto-lei 279 de 16 de Fevereiro de 1939 (lei da organização do Ministério de Guerra).”

Figura 5 – Notícia “A Prefeitura e o Estado de guerra”³³



Fonte – Figura 5: Cidade de Blumenau, ano XIX, número 5 – 03 de outubro de 1942

³³ Transcrição da notícia “A Prefeitura e o Estado de guerra”:

“Merece a nossa maior simpatia a distinta figura do nosso Prefeito Municipal Dr. Afonso Rabe. Neste momento grave por que atravessamos, quando as autoridades necessitam redobrar seus esforços e duplicar sua atividade, afim de manter em dia os supremos interesses do municipio, que é parcela importantissima da Patria, é confortador ter-se como dirigente do Municipio uma personalidade de cultura, inteligencia e patriotismo como a do nosso Prefeito. O estado de guerra requer estas qualidades dos governantes pois são inumeras as atribuições e as responsabilidades que se acumulam e que exigem uma atividade assombrosa, só aquilatada pelos que estão em intimo contacto com os negocios publicos.

Sob estes aspectos poderemos confiar amplamente no atual Prefeito da comuna pois se tem revelado á altura dos grandes interesses da Patria e do nosso municipio.”

Figura 6 - Notícia "As ruas de Blumenau têm nomes novos"³⁴



Fonte - Figura 6: Cidade de Blumenau, ano XIX, número 7 - 10 de outubro de 1942

³⁴ Transcrição da notícia "As ruas de Blumenau têm nomes novos":

"Pelo Sr. Dr. Prefeito Municipal acaba de ser decretada nova denominação para as ruas da nossa cidade. O critério adotado foi o de homenagear as diversas cidades e municípios do nosso Estado e as grandes figuras da história patria.

A rua Hermann Hering Senior (rua principal do bairro de Bom Retiro), pelo novo decreto passou a denominar-se rua Floriano Peixoto. Pandiá Calogeras é o nome da rua conhecida por Ginastica; Benjamim Constant é agora a antiga rua Gottlieb Reid; Almirante Barrozo a antiga rua Gustavo Salinger, etc. Nesta mesma edição encontrarão os leitores um edital com todas as novas denominações criadas."

³⁵ Transcrição da notícia “Blumenau oferece á Patria o primeiro contingente de enfermeiras da Cruz Vermelha!”

“Findada que está a preparação do primeiro grupo de Mulheres Blumenauenses, que acorreram ao apelo da Cruz Vermelha Brasileira – de se tornarem apoio para o serviço da Patria investindo-se da abnegada missão de enfermeiras na guerra – assistiremos, enfim terça feira proxima as solenidades de formatura dessas primeiras diplomadas pela Cruz Vermelha Brasileira, filial de Blumenau, que é dirigida e presidida pela ação dinamica e patriotista do ikustre Tte. Cel. Oscar Rosa Nepomuceno da Silva.

E é acentuado o interesse que está despertando em nossa população a aproximação dessas solenidades, não só pela solenidade do ato, mas, principalmente, pelo feliz adiplimento do primeiro esforço de guerra atribuído tão só à Mulher de Blumenau.

Neste generoso movimento de nossas esposas, mães e irmãs que se colocam incondicionalmente ao serviço da Patria, sentimos de antemão a comoção que domina os grandes gestos de bondade, renuncia e amor ao proximo!

AS SOLENIDADES DE FORMATURA

Deverão realizar-se no Carlos Gomes as principaes solenidades de formatura das primeiras enfermeiras socorristas da Cruz Vermelha em Blumenau, na terça-feira próxima dia 8.

A’s 9 horas, na Igreja Matriz, será realizada missa em ação de graças das diplomadas.

A’s 17 horas, no Carlos Gomes realizar-se-á um chá, homenagem das enfermeiras aos srs. Tte. Cel. Oscar Rosa Nepomuceno, D. Sarita Pederneiras e Medicos que prestaram sua cooperação como professores no Curso que vêm de realizar.

A’s 20 horas, no salão do teatro, será eferivada, enfim, a entrega de diplomas e juramento das enfermeiras socorristas, que serão paraninfadas pelo Sr. Tte. Cel. Oscar Rosas Nepomuceno, ilustre comandante do brioso 32º CV. Será oradora da turma a Exma. Senhorita Nazaré Costa.

CONVITES

Representando a formatura das Enfermeiras Socorristas da Cruz Vernelha, em Blumenau, um ato que atinge de perto e o mais intimamente toda nossa população estão deste modo convidados todos que desejarem tomar parte nas solenidades para demonstrar o espirito de cooperação e perfeito entendimento reinante entre nossa população.

AS CANDIDATAS DIPLOMADAS

E’ de trinta e seis o numero das candidatas que receberão o diploma de Enfermeiras Socorristas da Cruz Vermelha Brasileira.

Relacionamos todas em seguida: Alfreda Hinn, Ana Nascimento, Antonia Cordeiro, Carlota Duque, Carmem Maria S. Laffront, Clotilde Silveira, Dilma C. Zeredo, Elfride Haufe, Etelvina Mafra, Hilda L. de Oliveira, Hilda Xavier da Silva, Ignez Veiga, Jutta Hertel, Lacinia Dortal, Lidia Mello, Lidia Santos, Lore Hoess, Lucinda Silva, Margot Schmidt, Maria Alice Santos, Maria do Carmo Costa Balsini, Maria das Dores Espindola, Maria de Lourdes Reis, Maria Luiza Balsiai, Maria Michels, Matilde Alencar, Nazaré Costa, Orla Kilian, Renate Flesch, Renate Krupski, Renate Stamm, Rita Bona, Selma Elzira Olson, Yolanda Campos, Yolanda Martias e Odette Pacheco”.



Fonte - Figura 7: Cidade de Blumenau, ano XIX, número 23 – 05 de dezembro de 1942

Para analisar as notícias dessa seção, deve-se levar em conta o que foi dito por Silva e Wiik (2008) acerca da mudança do posicionamento do jornal ao longo dos anos e sua postura pró-governo - distanciando-se da cobertura das conquistas alemãs e divulgação do governo de Hitler que caracterizavam as páginas do “Cidade de Blumenau” em 1937 e tendo seu papel na divulgação das ações de nacionalização a partir de 1939, deixando os poucos de divulgar os feitos do Eixo e passando a divulgar as conquistas dos Aliados.

A primeira notícia, “A Nação esta unida”, segue a linha da campanha de nacionalização, buscando mostrar unidade da população perante a ameaça do Eixo. Conta ainda com sentenças que buscam ressaltar as características positivas do país e dos brasileiros, como a não belicosidade. Paralelamente, busca criar uma ideia de “nós” e “eles” ou de “bons” e “maus”, em que “nós” – pacíficos, brasileiros, “bons” e parte dos Aliados – fomos atacados por “eles” – os “maus”, totalitários e belicosos.

A segunda notícia, “O Brasil nunca será escravo”, busca mostrar que até mesmo os mais jovens concordavam e apoiavam as atitudes do governo Vargas. Mas não apenas isso, o seu foco é transmitir a ideia de que uma aliança com os Estados Unidos não significaria a “americanização” do Brasil e que este último manteria a todo custo seus valores, sua moral, sua cultura e demais características – isso também pode ser aplicado aos países do Eixo, de certa forma.

“Há brasilidade em Blumenau”, a terceira notícia, visa mostrar que Blumenau é, antes de tudo, uma cidade brasileira, seguindo, portanto, a linha da tentativa de

nacionalizar a cidade. Para a parte que tentava nacionalizar Blumenau, são tecidos elogios à cidade e há destaque para as comemorações do Dia da Independência. Paralelamente, há novamente a ideia de “nós” e “eles”, de “bons” e “maus”, refletindo a tentativa de distanciar a população descendente de alemães da sua terra ancestral.

A quarta notícia, “Foi decretada a mobilização geral”, segue a corrente de divulgar atos e notícias do governo para a população. Neste caso, a notícia traz as instruções por parte do Ministério de Guerra, citando as convocações dos oficiais e reservistas das Forças Armadas.

“A Prefeitura e o Estado de guerra”, quinta notícia, busca novamente retomar a ideia de que Blumenau é antes de tudo brasileira. Dessa vez, destaca a atuação do então prefeito da cidade, bem como suas qualidades e seu nacionalismo – sendo esse último item de fundamental destaque, tendo em vista as ações da campanha de nacionalização que ocorriam no período na região.

A próxima notícia, “As ruas de Blumenau têm novos nomes”, também segue essa linha, porém reflete a aplicação das ações de nacionalização na prática através da determinação da mudança dos nomes das ruas de Blumenau – ao invés dos tradicionais nomes de personalidades de destaque da região, as ruas agora teriam sua denominação com base em figuras brasileiras de fato. Pode também ser dito aqui que essa “novidade” não foi vista com bons olhos pela população local, apesar do que pode ter sido dito em outros meios de comunicação (FROTSCHER, 2003).

A última notícia analisada - “Blumenau oferece á Patria o primeiro contingente de enfermeiras da Cruz Vermelha!” – seguindo a linha da campanha de nacionalização, tem por objetivo buscar aproximar a população da região dos valores e ações do governo brasileiro. Além disso, tenta demonstrar que Blumenau está alinhada aos comandos de Vargas, tanto que anuncia a titulação do primeiro grupo de enfermeiras socorristas formadas pela Cruz Vermelha Brasileira para atuação na guerra.

De forma geral, percebe-se a atuação do “Cidade de Blumenau” como meio de veiculação das ações promovidas pela Campanha de Nacionalização do governo Vargas. As notícias, de forma geral - e principalmente – as aqui analisadas -, refletem o discurso de integração de Blumenau ao Brasil, seja em questão de idiomas, cultura, valores e tradições.

4.2.2 Forças Armadas e poderio militar na Guerra

Nesta seção serão analisadas as notícias intituladas “O aparelhamento das nossas forças armadas” (de 28 de janeiro de 1942), “Atentosa defesa do Brasil” (de 14 de março de 1942), “Submarinos do Eixo atacados pela Aviação Brasileira” (de 30 de maio de 1942) e “A Marinha de Guerra dos Estados Unidos” (de 05 de agosto de 1942).

Figura 8 - Notícia "O aparelhamento das nossas forças armadas"³⁶



Fonte - Figura 8: Cidade de Blumenau, ano XVIII, número 36 - 28 de janeiro de 1942

³⁶ Transcrição da notícia "O aparelhamento das nossas forças armadas" (figura 1):
"É grato contatar-se a simultaneidade com que se desenvolvem todas as forças internas da Nação. Nosso poderio material e espiritual cresce, harmonicamente, em todos os sectores da vida nacional. Produzimos riqueza, façamo-la circular e, ao mesmo tempo, construímos a sua defesa. É para defender esta riqueza que temos um exército, e uma frota de guerra e uma aviação. O conjunto destas forças forma o que se denomina, genericamente, a Defesa Nacional. Até dez anos atrás essa defesa, entre nós, era um mito. Hoje é realidade. O sr. Getúlio Vargas sabe bem o que representa para uma nação moderna o aparelhamento técnico das suas forças de terra, mar e ar. É de destacar-se, sobretudo, o surto brilhante que se tem verificado, aqui, no terreno aviatório, onde os progressos realizados não encontram precedentes no Continente sulamericano. Em relação à Marinha de Guerra, é notável o empenho com que anda o número de belonaves da nossa esquadra, industria que prospera sempre e honra o passado de potência marítima que o Brasil já desfrutou. Por outro lado, as forças de terra não têm sido menos atendidas pelo sr. Getúlio Vargas. Raro é o mês em que, no sentido de melhor prevê-las, não se adotam novas e importantes medidas. De Norte a Sul, o nosso valoroso Exército vem sendo aparelhado adequadamente, seja com o fornecimento dos recursos necessários, seja com o amparo e o apoio moral de que tanto necessita a tropa para tornar-se uma força respeitável e à altura das suas responsabilidades como guardião que é de um vasto país com mais de quarenta milhões de habitantes. Dar ao soldado brasileiro bons alojamentos, proporcionar-lhe ótimas condições higiênicas, tornar-lhe a vida agradável, preparar-lhe o moral combativo, dentro de uma rígida disciplina sem exageros, desenvolver-lhe o sentimento cívico, eis a constante preocupação do Chefe do Governo. Em nenhuma outra época como nesta, este pensamento foi tão forte nem se viu aplicado com tanta serenidade."

Figura 9 - Notícia "Atentos a defesa do Brasil"³⁷



Fonte - Figura 9: Cidade de Blumenau, Ano XVIII, número 50 - 14 de março de 1942

³⁷ Transcrição da notícia "Atentos a defesa do Brasil" (figura 5):

"Os dramaticos acontecimentos que envolvem o mundo, desde 1939 devem servir de lição para os povos que ainda estão, como nós, muito perto, mas não propriamente dentro da conflagração.

A guerra é o peor dos males que podem acometer uma nação pacífica e laboriosa, á margem dos sentimentos belicosos e das idéias de conquistas, mas nenhum povo, nesta hora crucial da historia, pode negligenciar, sem incorrer nos mais serios perigos, a política de sua defesa e da sua segurança. O caminho que estamos seguindo, votando o maior interesse pelos problemas militares e navais, sem desourar o governo as questões economicas nacionais são os que a inteligência e a prudência aconselham neste momento.

A America está unida, os países do hemisferio ocidental congregaram e formaram um bloco poderoso, uma cadeia de forças decisivas, mas nós não devemos delegar para plano secundário nenhum assunto que esteja ligado á nossa defesa.

Vivemos dezenas de anos sem o perigo as portas, mas de agora para o futuro as coisas tomarão outro rumo, seguirão outras diretrizes. Já não podemos gosar a mesma tranquilidade, mergulhados apenas na contemplação da nossa natureza prodigiosa.

O perigo nos ameaça. Os povos conquistadores já nos descobriram, já nos situaram nesta região, já notaram os nossos recursos, as miraculosas reservas brasileiras, de sorte que constitue uma negligencia criminosa qualquer subestimação os propositos de absorpção dos es-estrangeiros a nosso respeito.

Grandes e pequenos nucleos humanos procuraram amar-se dos recursos modernos da ciencia belica, visando com isso contrariar pretenções menos honestas e confessaveis dos povos rapinantes. Por que nós, que somos uma poderosa nação, pelos seus recursos, pela grandesa do seu potencial, não haveremos de nos empregar na obra do nosso fortalecimento belico?

Somente aplausos merece o governo por estar dedicando o melhor dos seus esforços á segurança do Brasil. Tudo o que se fizer nesse sentido será acertado e digno de elogios."

Figura 10 - Notícia "Submarinos do Eixo atacados pela Aviação Brasileira"³⁸



Fonte - Figura 10: Cidade de Blumenau, ano XVIII, número 71 - 30 de maio de 1942

³⁸ Transcrição da notícia "Submarinos do Eixo atacados pela Aviação Brasileira: Foi afundado um submersível com bombas de profundidade":

"RIO, 28 (Agencia Nacional) – O Departamento de Imprensa e Propaganda distribuiu a seguinte nota fornecida pelo Ministério da Aeronáutica: - "Os ataques de submarinos em águas territoriais brasileiras aos nossos navios mercantes determinaram uma ação da Força Aérea no sentido de resguardar nossa soberania, a liberdade da nossa navegação e a vida das tripulações indefesas que vinham sendo metralhadas e canhoneadas, mesmo depois de torpedeados os navios e impossibilitado o prosseguimento da viagem. Após a des-humana agressão ao vapor "Comandante Lira", foram localizados, perseguidos e atacados três submarinos nas costas brasileiras tendo sido um afundado".

RIO, 28 (A.N.) – Anuncia-se que o avião brasileiro que afundou um submarino na costa nordeste do Brasil era comandado pelo capitão aviador Otávio Pamplona, o qual logo que avistou o submarino, após have-lo localizado por indicação recebida da patrulha de Fernando de Noronha, tomou posição de combate, lançando-se ao ataque contra o inimigo e atingindo o submarino com toda a carga de bombas de profundidade que levava.

FORTALEZA, 28 (Meridional) – Os círculos officiosos declararam que um submarino inimigo foi afundado no dia 24, á tarde, por um avião de patrulha no nordeste. Atacado, o submarino reagiu, disparando seu canhão e as metralhadoras anti-aéreas, submergindo depois. O avião lançou então oito bombas, ao mesmo tempo que radiografava para a base, donde partiram mais três aparelhos que sobrevoaram depois o local."

³⁹ Transcrição da notícia “A Marinha de Guerra dos Estados Unidos”:

“O novo programa naval sancionado pelo Congresso dos Estados Unidos, dará a este país não somente uma esquadra superior a qualquer outra, ou mesmo uma “esquadra para os dois oceanos”, mas sim uma frota igual ao conjunto de todas as demais frotas do mundo reunidas.

Os novos créditos voltados no total de 85000 milhões de dolares, permitirão a construção de mais de um milhão e meio de toneladas de navios de guerra. Neste último total, estão incluídas 500 mil toneladas de porta-aviões, representando cerca de 25 unidades desse tipo, com o deslocamento de 20000 toneladas cada uma. As operações navais da presente guerra evidenciaram a importância da força aérea como adversária do couraçado e do cruzador.

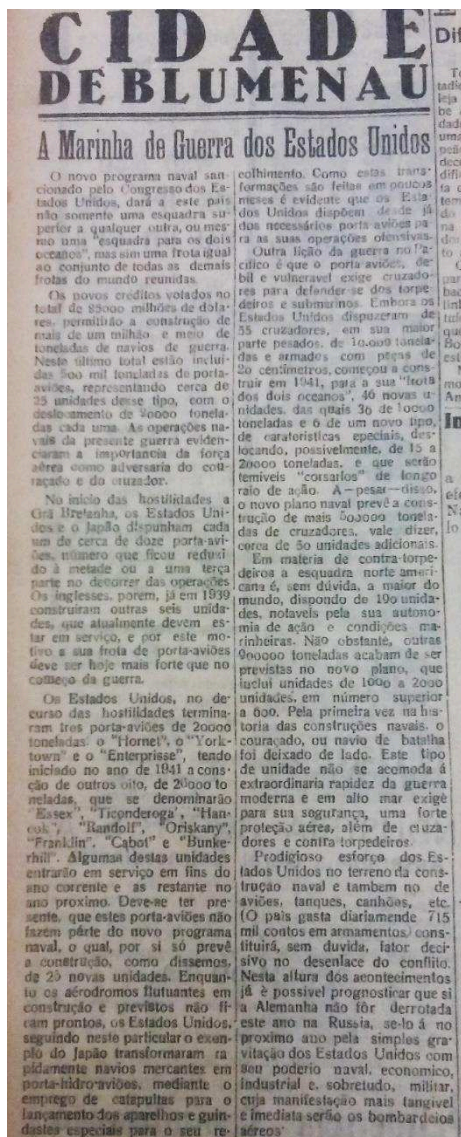
No início das hostilidades a Grã Bretanha, os Estados Unidos e o Japão dispunham cada um de cerca de doze porta-aviões, número que ficou reduzido à metade ou a uma terça parte no decorrer das operações. Os ingleses, porém, já em 1939 construíram outras seis unidades, que atualmente devem estar em serviço, e por este motivo a sua frota de porta-aviões deve ser hoje mais forte que no começo da guerra.

Os Estados Unidos, no decurso das hostilidades terminaram três porta-aviões de 20000 toneladas, o ‘Hornet’, o ‘York-town’ e o ‘Enterprise’, tendo iniciado no ano de 1941 a construção de outros oito, de 20000 toneladas, que se denominarão ‘Essex’, ‘Ticonderoga’, ‘Hancock’, ‘Randolf’, ‘Oriskany’, ‘Franklin’, ‘Cabot’ e ‘Bunkerhill’. Algumas destas unidades entrarão em serviço em fins do ano próximo. Deve-se ter presente que estes porta-aviões não fazem parte do novo programa naval, o qual, por si só prevê a construção, como dissemos, de 25 novas unidades. Enquanto os aeródromos flutuantes em construção e previstos não ficam prontos, os Estados Unidos, seguindo neste particular o exemplo do Japão transformaram rapidamente navios mercantes em porta-hidro-aviões, mediante o emprego de catapultas para o lançamento dos aparelhos e guindastes especiais para o seu recolhimento. Como estas transformações são feitas em poucos meses, é evidente que os Estados Unidos dispõem desde já dos necessários porta-aviões para as suas operações ofensivas.

Outra lição da guerra no Pacífico é que o porta-aviões, debil e vulneravel exige cruzadores para defender-se dos torpedos e submarinos. Embora os Estados Unidos dispuzeram de 55 cruzadores, em sua maior parte pesados, de 10.000 toneladas e armados com peças de 20 centímetros, começou a construir em 1941, para a sua ‘frota dos dois oceanos’, 46 novas unidades, das quais 36 de 10000 toneladas e 6 de um novo tipo, de características especiais, deslocando, possivelmente de 15 a 20000 toneladas, e que serão temíveis ‘corsários’ de longo raio de ação. A-pesar-disso, o novo plano naval prevê a construção de mais de 500000 toneladas de cruzadores, vale dizer, cerca de 50 unidades adicionais.

Em materia de contra-torpedeiros a esquadra norte americana é, sem dúvida, a maior do mundo, dispondo de 190 unidades, notaveis pela sua autonomia de ação e condições marinheiras. Não obstante, outras 900000 toneladas acabam de ser previstas no novo plano, que inclui unidade 1000 a 2000 unidades, em número superior a 600. Pela primeira vez na historia das construções navais, o couraçado, ou navio de batalha foi deixado de lado. Este tipo de unidade não se acomoda á extraordinaria rapidez da guerra moderna e em alto mar exige para sua segurança uma forte proteção aérea, além de cruzadores e contra torpedeiros.

Prodigioso esforço dos Estados Unidos no terreno da construção naval e também no de aviões, tanques, canhões, etc. (O país gasta diariamente 715 mil contos em armamentos) constituirá, sem duvida, fator decisivo no desenlace do conflito. Nesta altura dos acontecimentos já è possível prognosticar que si a Alemanha não fôr derrotada este ano na Russia, se-lo-á no proximo ano pela simples gravitação dos Estados Unidos com seu poderio naval, economico, industrial e, sobretudo ,militar, cuja manifestação mais tangível e imediata serão os bombardeios aéreos.”



Fonte – Figura 11: Cidade de Blumenau, ano XVIII, número 90 - 05 de agosto de 1942

As três primeiras notícias analisadas nessa seção - “O aparelhamento das nossas forças armadas”, “Atentos a defesa do Brasil” e “Submarinos do Eixo atacados pela Aviação Brasileira” – seguem a mesma linha de pensamento: a de valorização das ações governamentais e das forças armadas brasileiras. Essas notícias tecem elogios às medidas determinadas pelo governo Vargas e pelas Forças Armadas, destacando a importância do setor militar e de sua devida valorização. Igualmente buscam conseguir a simpatia e colaboração da população em relação às ações militares. É constantemente destacada a busca pelo desenvolvimento e aparelhamento do setor militar brasileiro, bem como os seus feitos e investidas contra o Eixo.

A quarta notícia analisada nessa seção se refere à marinha dos Estados Unidos, o que vai ao encontro da postura pró-governo e pró-Aliados mantida pelo

“Cidade de Blumenau”. Essa notícia, especificamente, destaca a capacidade militar estadunidense e o seu aprimoramento que acabava de ser aprovado pelo presidente Roosevelt – e que daria origem à “esquadra de dois oceanos”. A divulgação desses dados busca demonstrar que o alinhamento com os Estados Unidos seria o racionalmente seguro e correto, já que esse parceiro teria como auxiliar na defesa do território brasileiro caso se mostrasse necessário.

As notícias aqui analisadas, bem como as da seção anterior, seguem a linha defendida e divulgada pelo jornal no ano de 1942 de defesa e elogios ao governo brasileiro e aos Aliados e seus feitos – conforme mencionado por Silva e Wiik (2008). Igualmente, percebe-se que existe a proximidade com o que se vê na teoria, de acordo com as obras previamente analisadas de Cervo e Bueno (1993) e Moura (1995 e 2013).

4.2.3 Política Externa Brasileira e os Estados Unidos

Na presente seção serão analisadas as notícias intituladas “Mensagem de Roosevelt ao presidente Vargas” (de 31 de janeiro de 1942), “Cooperação ianque-brasileiro” (de 14 de fevereiro de 1942), “Apoio moral e material aos Estados Unidos” (de 12 de agosto de 1942), “Cooperação técnica entre o Brasil e os Estados Unidos” (de 05 de dezembro de 1942).

Figura 12 - Notícia "Mensagem de Roosevelt ao presidente Getulio Vargas"⁴⁰



Fonte – Figura 12: Cidade de Blumenau, ano XVIII, número 37 - 31 de janeiro de 1942

⁴⁰ Transcrição da "Mensagem de Roosevelt ao presidente Getulio Vargas" (figura 2):
 "Washington, 29 (United Press) – O presidente Roosevelt enviou a seguinte comunicação ao presidente Getulio Vargas: - "Acabo de receber notícias de que o Brasil cortou as suas relações com a Alemanha, Italia e Japão. Assegurou-se mais uma vez o apoio do Brasil num momento de encarniçada luta contra as forças cujas ações e condutas foram condenadas unanimamente pelas 21 repúblicas americanas. As resoluções dos últimos 10 dias na realidade estão total e brilhantemente de acordo com as proféticas manifestações contidas no telegrama de V. Excia. dia 15 de Janeiro, em que me comunicava a inauguração da 3a. Reunião Consultiva de Ministros das Relações Exteriores das Republicas Americanas no Rio de Janeiro.
 Aprecio, como aprecia o povo de todo o continente, com a devida gratidão que temos contraído, a preclara direção de V. Excia. A solidariedade continental, segundo definiu V. Excia. no discurso de recepção aos Ministros de Relações Exteriores, foi reforçada. As republicas americanas conseguiram um triunfo magnifico sobre aquelas que trataram de semear a desunião entre elas e impedir que empreendessem uma ação essencia para a preservação das suas liberdades. Esse triunfo foi selado pela rápida e decidida resolução do vosso governo e de outros governos americanos, que adotaram resoluções similares. Amizade pessoal de V. Excia. nestes tempo críticos é para mim uma constante fonte de inspiração. A segurança de visão com que V. Excia. enfrente a mesma emergencia em que agora se encontram o povos de todo o mundo alento grandemente o povo dos Estados Unidos."

Figura 13 - Notícia "Cooperação ianqui-brasileiro"⁴¹



Fonte – Figura 13: Cidade de Blumenau, ano XVIII, número 42 - 14 de fevereiro de 1942

⁴¹ Transcrição da notícia “Cooperação ianqui-brasileiro”:

“Rio, 12 (Do Correspondente Especial) – Causou a melhor impressão aqui o telegrama procedente de Washington, veiculando declarações do secretário dos Estados Unidos, segundo o qual progredem rápida e satisfatoriamente as negociações do ministro Souza Costa, bem como o telegrama relativo à entrevista concedida à imprensa pelo secretário da agricultura do mesmo país, antecipando o propósito norte-americano de aumentar grandemente as suas compras referentes a muitos produtos brasileiros. Também repercutiu fortemente nesta capital, o telegrama referente às conferências a que se entrega a delegação do Brasil presentemente em Norte-America, junto às repartições de empréstimos federais, no sentido de melhorar os meios de transportes do Brasil, particularmente das ferrovias a-fim de transportar os produtos estratégicos que os Estados Unidos necessitam urgentemente. A imprensa local divulga-os com destaque, expressiva-comprovador da perfeita compreensão da alta importância que envolve as atividades da missão Souza Costa nos Estados Unidos, consolidando o vasto plano da imprescindível cooperação entre as duas grandes nações, neste momento grave que o mundo atravessa.

Washington, 12 (Agência Nacional) – O snr. Souza Costa, Ministro da Fazenda do Brasil que se fez acompanhar do embaixador brasileiro Carlos Martins, na sua visita ao Presidente Roosevelt, declarou que seus 15 minutos em companhia do Presidente foram antes de tudo de uma visita de cortezia, durante a qual apresentou a S. Excia. os cumprimentos do Presidente Vargas. O snr. Souza Costa revelou que já se tinham iniciado as conferências entre varios membros de sua missão e altos funcionarios do Departamento de Agricultura acerca de materiais em que se deve concentrar a produção brasileira. As discussões se centralizaram principalmente em torno a produção da borracha. O Presidente Roosevelt foi informado pelo Ministro Souza Costa e embaixador Carlos Martins de que o Brasil poderia abastecer os Estados Unidos com quantidade cada vez maiores de material de guerra, inclusive borracha. (Do DIA de Curitiba)”

Figura 14 - Notícia "Apoio moral e material aos Estados Unidos"⁴²



Fonte - Figura 14: Cidade de Blumenau, ano XVIII, número 92 - 12 de agosto de 1942

⁴² Transcrição da notícia "Apoio moral e material aos Estados Unidos":
 "Washington, (U.P.) – O embaixador norte-americano junto ao governo do Brasil, sr. Jefferson Calbery, prestou interessantes declarações aos jornalistas, a propósito da cooperação brasileiro americana. Disse o diplomata estadunidense que 'a rapidez com que o Brasil mobilizou seus recursos para abastecer os Estados Unidos e seus aliados está despertando a admiração de todos aqueles que conhecem de perto as atuais circunstâncias. A amizade brasileira para com este país e mais a sua lealdade aos princípios pá-americanos são inamovíveis. A amizade do Brasil contitue uma fonte de grande apoio moral e material para nós, nesta séria luta contra o 'eixo'. Desde que os Estados Unidos entraram na guerra, elementos de todas as categorias sociais do Brasil, orientados pelo presidente Vargas, demonstraram por inumeráveis e inequívocas formas quão real é o seu apoio a nossa causa.

Noticiaram-se diversos acordos entre ambos os países, os quais, espero nos assegurarão muitos materiais requeridos pelo nosso esforço bélico e, ao mesmo tempo, garantirão ao Brasil a estabilização de sua economia durante o período de guerra, com consequencias e benefícios para todos os setores dessa vasta república.

Apresentei meus respeitos ao presidente brasileiro antes de deixar o Brasil e tenho prazer em poder afirmar que o encontrei completamente restabelecido. O povo dos Estados Unidos deve apreciar devidamente o que vale sua amizade por nosso país e pela nossa causa."

⁴³ Transcrição da notícia "Cooperação técnica entre o Brasil e os Estados Unidos":

"Vamos dar a seguir um resumo das missões técnicas americanas e brasileiras apresentados aos respectivos governos. Inicialmente ambas as missões lembram a oportunidade da colaboração entre os dois governos, dizendo a seguir do imperativo e emergência de se elevar ao máximo a produção brasileira de guerra e continuar a satisfazer as necessidades mínimas da população civil. De um modo geral pede-se alcançar mais economia ante esse objetivo, mediante o rápido aumento da produção brasileira.

E nos pareceres se assinala: Onde a importância de certa quantidade de equipamento para a manufatura de objetos de primeira necessidade ou suprimentos militares torna possível o uso mais eficaz de maior quantidade de equipamento local e desde que em energia produtiva várias vezes multiplicada importe tal equipamento, esse equipamento proporcionará mais economia que a dos objetos que escapa de fabricar.

Depois de referir que após a guerra deve o Brasil depender o mínimo do exterior, com fonte própria de maquinaria industrial, metais e artigos metálicos, como ainda, combustível, o documento declara: 'Não há conflito irreconciliável entre cidades imediatamente envolvidas na guerra e o plano duradouro deverá se fixar definitivamente na posição econômica de qualquer nação'.

Sobre a elevação do padrão da vida brasileira o relatório reconhece que só poderá resultar do aumento da produção num esforço pertinaz, construtivo e equilibrado, incentivando racionalmente a distribuição. E declara não considerar praticável até que se desenvolva a capacidade aquisitiva, do mercado interno da produção à maneira Henry Ford.

As missões afirmam ainda: 'Resolveram os técnicos ora à frente do mundo civilizado a promessa de edificar o Brasil tão rapidamente quanto a Inglaterra pela revolução industrial do século 18'.

No futuro parece pertencer mais à eletricidade que ao vapor, ao alumínio mais que o aço e aos transportes aéreos mais que os ferroviários.

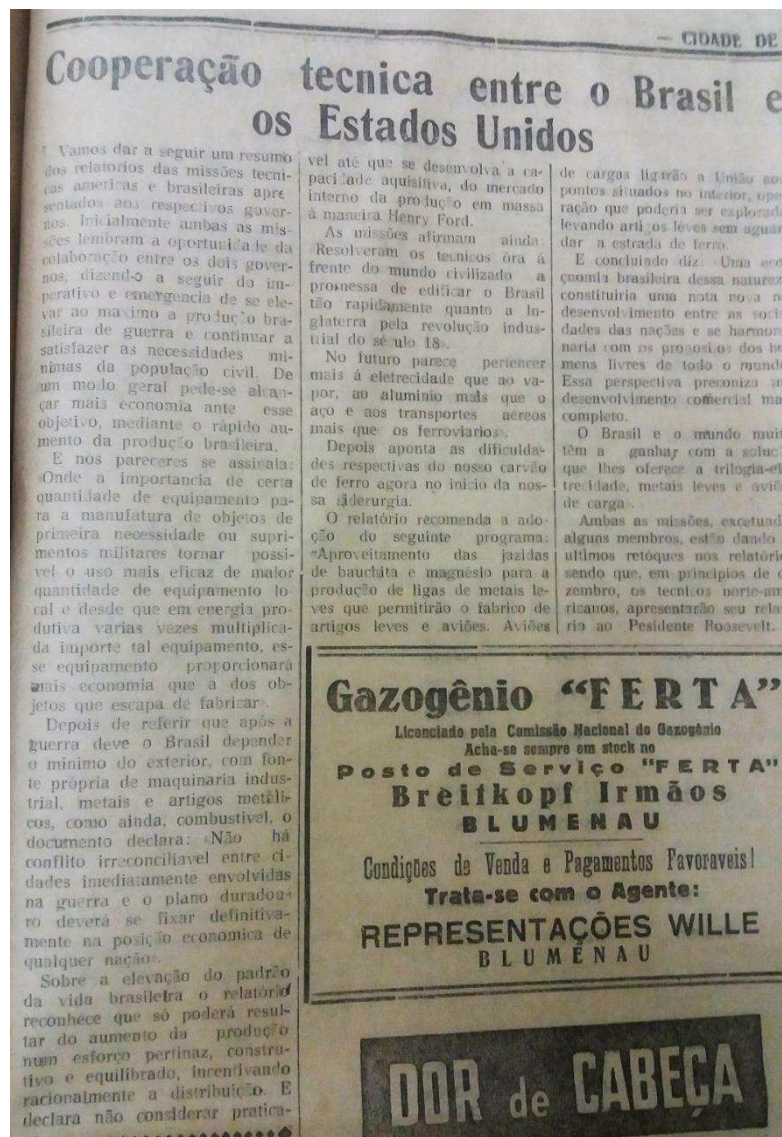
Depois aponta as dificuldades respectivas do nosso carvão de ferro agora no início da nossa siderurgia.

O relatório recomenda a adoção do seguinte programa: 'Aproveitamento das jazidas de bauxita e magnésio para a produção de ligas de metais leves que permitirão o fabrico de artigos leves e aviões. Aviões de cargas ligarão a União aos pontos situados no interior, operação que poderia ser explorada levando artigos leves sem aguardar a estrada de ferro.

E concluindo diz: 'Uma economia brasileira dessa natureza construiria uma nota nova no desenvolvimento entre as sociedades das nações e se harmonizaria com os propósitos dos homens livres de todo o mundo. Essa perspectiva preconiza um desenvolvimento comercial mais completo.

O Brasil e o mundo muito têm a ganhar com a solução que lhes oferece a trilogia eletricidade, metais leves e aviões de carga.

Ambas as missões, excetuados alguns membros, estão dando os últimos retoques nos relatórios, sendo que, em princípios de dezembro, os técnicos norte-americanos, apresentarão seu relatório ao Presidente Roosevelt'.



Fonte - Figura 15: Cidade de Blumenau, ano XIX, número 23 - 05 de dezembro de 1942

Todas as notícias selecionadas para análise nessa seção são referentes ao tema “Política Externa Brasileira”, principalmente no que concerne a relação do país com os Estados Unidos.

A primeira notícia consiste na divulgação de uma mensagem proferida pelo presidente dos Estados Unidos, Franklin Delano Roosevelt, destinada ao presidente brasileiro, Getúlio Vargas. O comunicado segue a orientação de tentativa de aproximação entre Brasil e Estados Unidos, em que a atitude brasileira de apoio aos Aliados e beligerância ao Eixo fora recebida com bons olhos e destacada como algo a ser admirado pelos americanos. Ademais, ao tecer elogios ao Brasil e ao governo, visa ganhar a simpatia e apreço da população e dos governantes, incluindo a região em sua zona de segurança, de onde pode exercer controle mais facilmente.

As três notícias seguintes referem-se à cooperação entre Brasil e Estados Unidos. A segunda notícia faz menção às missões de cooperação empreendidas entre Brasil e Estados Unidos. É destacada a importância das missões para ambos os países, buscando mostrar uma relação de mutualidade – os Estados Unidos auxiliando o Brasil com recursos financeiros e tecnologia, enquanto este último enviaria recursos necessários ao esforço de guerra. A terceira e a quarta notícias seguem a mesma linha da segunda, buscando destacar a cooperação existente entre os países e, principalmente, o importante papel que o Brasil representaria para os Estados Unidos e como o seu esforço era reconhecido e admirado pelo governo e população daquele país.

4.2.4 Política Externa Brasileira e países do Eixo

Nessa última seção serão analisadas as notícias intituladas “O rompimento das relações diplomáticas e comerciais com a Alemanha, Itália e Japão” (de 04 de fevereiro de 1942), “Mais uma agressão do Eixo ao Brasil” (de 08 de julho de 1942) e “Procurando eliminar a influência econômica e financeira do Eixo nas Américas” (de 11 de julho de 1942).

Figura 16 - Notícia "O rompimento das relações diplomáticas e comerciais com a Alemanha, Itália e Japão: As comunicações oficiais desta importante deliberação do Brasil"⁴⁴

⁴⁴ Transcrição da notícia "O rompimento das relações diplomáticas e comerciais com a Alemanha, Itália e Japão: As comunicações oficiais desta importante deliberação do Brasil.":

"O rompimento das relações diplomáticas e comerciais do Brasil com a Alemanha, Itália e Japão é um fato concreto desde as dezoito horas do dia 28 de Janeiro p. passado.

Desde este momento os subditos das referidas nações são sujeitos a um regime especial que esta determinado nas comunicações oficiais que serão reproduzidas logo abaixo.

É mister que estas determinações sejam cumpridas custe o que custar. A situação é bem concreta e não admite ter viverversões. Os interessados atingidos devem pois, ficar bem scientes delas para que a estabilização (?) o estado das coisas se processe dentro da ordem. É isso no proprio interesse dos interessados para que não se vejam agravados com medidas mais energicas.

Em seguida reproduzimos o programa que o Exmo. Sr. Interventor Federal do Estado, Dr. Nereu Ramos, passou aos preceitos do Estado dando conhecimento da deliberação internacional brasileira, e o (?) do Exmo. Sr. Dr. Secretario da Segurança Publica do Estado, fez inserir no "Diário Oficial" do dia 28 de Janeiro p. findo:

TELEGRAMA DO SR. INTERVENTOR AOS PREFEITOS MUNICIPAIS

O Sr. Interventor dirigiu aos Prefeitos Municipais o seguinte telegrama circular:

'Florianópolis, 28 de janeiro de 1942.

Hoje as dezoito horas o Governo brasileiro rompeu relações diplomáticas e comerciais com a Alemanha, a Itália e o Japão. Nesta emergencia, encareço a necessidade de manter na população o maior espírito de ordem, de disciplina e de confiança na ação serena, esclarecida e patriota do Chefe da Nação. Nenhuma atitude agressiva deve ser adotada contra subditos dos países citados, seus bens e sua honra. A destruição de bens, as perseguições e violencias pessoais devem ser evitadas por 'a nossa cultura e 'as nossas tradições. A Interventoria (?) sua ação serena, enérgica e vigilante no sentido dos interesses da nossa Pátria. Saudações (.) NEREU RAMOS, Interventor.'

SECRETARIA DE SEGURANÇA PU'BLICA

EDITAL

O Doutor Francisco Gottardi, Secretario dos negocios da Segurança Publica, de ordem superior, faz pu'blico que:

1º - Os estrangeiros naturais dos países com os quais o Brasil rompeu as relações diplomáticas e comerciais, isto é, o Japão, Alemanha e a Itália devem comunicar a sua residencia as autoridades policiaes, no prazo de 15 dias contados desta data;

2º - Ficam proibidos, a contar desta data, os hinos, cantos e saudações que lhes sejam peculiares bem como o uso dos (?) dos países acima apontados;

3º - E' vedado aos suditos países mencionados:

a) – mudar de residencia sem comunicação prévia ao Serviço de Registro de Estrangeiros, na Capital, e as Delegacias de Policia, no interior do Estado

b) – reunir-se, ainda que em casas particulares a titulo de comemorações de carater privado (aniversarios, bailes, banquetes e etc.);

c) – viajar de uma para outra localidade sem licença da policia Política e Social, faça cumprir o presente edital.

(Salvo Conduto).

4º - A Delegacia de Ordem Secretaria da Segurança Publica, aos vinte e oito dias do mes de janeiro do ano de 1942.

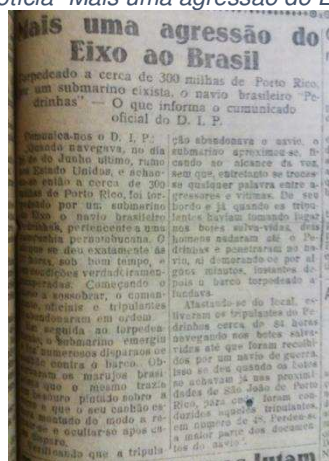
FRANCISCO GOTTARDI

Secretário da Segurança Pu'blica"



Fonte - Figura 16: Cidade de Blumenau, ano XVIII, número 32 - 04 de fevereiro de 1942

Figura 17 - Notícia "Mais uma agressão do Eixo ao Brasil"⁴⁵



Fonte - Figura 17: Cidade de Blumenau, ano XVIII, número 82 - 08 de julho de 1942

⁴⁵ Transcrição da notícia "Mais uma agressão do Eixo ao Brasil: Torpedeado a cerca de 300 milhas de Porto Rico, por um submarino existia, o navio brasileiro "Pedrinhas" – O que informa o comunicado oficial do D.I.P.":

"Comunica-nos o D.I.P.:

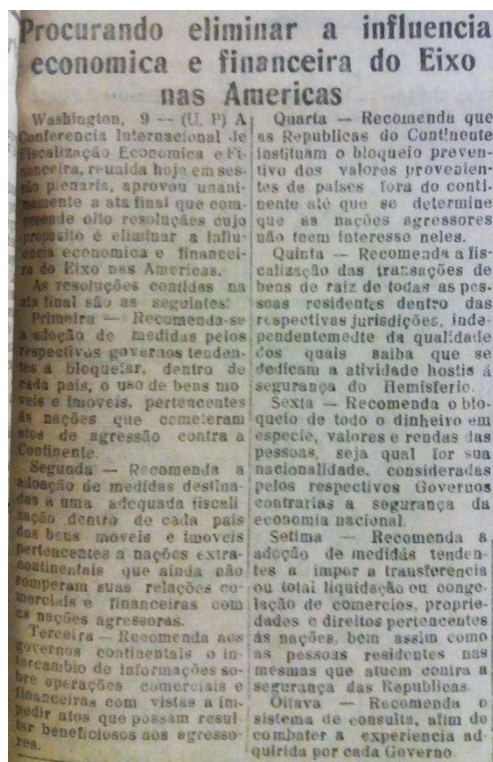
'Quando navegava, no dia 26 de Junho ultimo, rumo aos Estados Unidos, e achando-se então a cerca de 300 milhas de Porto Rico, foi torpedeado por um submarino do Eixo o navio brasileiro Pedrinhas, pertencente a uma companhia pernambucana. O ataque se deu exatamente ás 17 horas, sob bom tempo, e em condições verdadeiramente inesperadas. Começando o navio a sossobrar, o comandante, oficiais e tripulantes o abandonaram em ordem.

Em seguida ao torpedeamento, o submarino emergiu e fez numerosos disparaos de canhão contra o barco. Observaram os marujos brasileiros que o mesmo trazia um besouro pintado sobre a torre e que seu canhão estava montado de modo a retrair-se e ocultar-se após cada disparo.

Verificando que a tripulação abandonava o navio, o submarino aproximou-se, ficando ao alcance da voz, sem que, entretanto se trocasse qualquer palavra entre agressores e vitimas. De seu bordo e já quando os tripulantes haviam tomando lugar nos botes salva-vidas, dois homens nadaram até o Pedrinhas e penetraram no navio, ai demorando oe por alguns minutos, instantes depois o barco torpedeado afundava.

Afastando-se do local, estiveram os tripulantes do Pedrinhas cerca de 84 horas navegando nos botes salva-vidas até que foram recolhidos por um navio de guerra. Isso se deu quando os botes se achavam já nas proximidades de São João de Porto Rico, para onde foram conduzidos aqueles tripulantes, em numero de 48. Perdeu-se a maior parte dos documentos do navio."

Figura 18 - Notícia "Procurando eliminar a influencia economica e financeira do Eixo nas Americas"⁴⁶



Fonte - Figura 18: Cidade de Blumenau, ano XVIII, número 83 - 11 de julho de 1942

Ao contrário do que Silva e Wiik (2008) afirmam que se notava no final dos anos 1930, a postura adotada pelo “Cidade de Blumenau” em relação aos países do

⁴⁶ Transcrição da notícia “Procurando eliminar a influencia economica e financeira do Eixo nas Americas”:

“Washington, 9 – (U.P.) A Conferencia Internacional de Fiscalização Economica e Financeira, reunida hoje em sessão plenaria, aprovou unanimemente a ata final que compreende oito resoluções cujo proposito é eliminar a influencia economica e financeira do Eixo nas Americas.

As resoluções contidas na ata final são as seguintes:

Primeira – Recomenda-se a adoção de medidas pelos respectivos governos tendentes a bloquear, dentro de cada país, o uso de bens moveis e imoveis, pertencentes ás nações que cometeram atos de agressão contra a Continente.

Segunda – Recomenda a adoção de medidas destinadas a uma adequada fiscalização dentro de cada país dos bens moveis e imoveis pertencentes a nações extra-continentais que ainda não romperam suas relações comerciais e financeiras com as nações agressoras.

Terceira – Recomenda aos governos continentais o intercambio de informações sobre operações comerciais e financeiras com vistas a impedir atos que possam resultar benéficos aos agressores.

Quarta – Recomenda que as Republicas do Continente instituem o bloqueio preventivo dos valores provenientes de países fora do continente até que se determine que as nações agressores não teem interesse neles.

Quinta – Recomenda a fiscalização das transações de bens de raiz de todas as pessoas residentes dentro das respectivas jurisdições, independentemente da qualidade dos quais saiva que se dedicam a atividade hostis á segurança do Hemisferio.

Sexta – Recomenda o bloqueio de todo o dinheiro em especie, Valores e rendas das pessoas, seja qual for sua nacionalidade, consideradas pelos respectivos Governos contrarias a segurança da economia nacional.

Setima – Recomenda a adoção de medidas tendentes a impor a transferencia ou total liquidação ou congelação de comercios, propriedades e direitos pertencentes ás nações, bem assim como as pessoas residentes nas mesmas que atuem contra a segurança das Republicas.

Oitava – Recomenda o sistema de consulta, afim de combater a experiencia adquirida por cada Governo.”

Eixo torna-se mais agressiva – novamente seguindo a ideia de “os bons” e “os maus”. Enquanto os Aliados – principalmente, os Estados Unidos – eram vistos com bons olhos e suas ações aclamadas pelos simpatizantes do governo por defenderem a paz e a democracia, as atitudes do Eixo – com foco na Alemanha – são constantemente condenadas e é destacado seu lado “mau”, “autoritário” e “violento”.

A primeira notícia traz o comunicado acerca do rompimento das relações do Brasil com os países do Eixo, publicando as instruções oficiais dadas pelo governo brasileiro aos nacionais da Alemanha, da Itália e do Japão. Já a segunda notícia consiste no relato do ataque a um navio mercante brasileiro por um submarino alemão nas proximidades de Porto Rico, na América Central.

Quanto ao telegrama de Nereu Ramos, vale lembrar que desde o início da colonização alemã no Brasil houve momentos de tensão. Em grande parte, os atritos ocorreram em razão de cultura e crença religiosa, sendo que os mesmos foram se intensificando com o passar dos anos – estando, portanto, presentes durante a Primeira Guerra Mundial, o que levava o então interventor do Estado com uma das maiores colônias germânicas no país a solicitar a não-agressão a fim de evitar uma escalada de violência (BONOW, 2011).

A última notícia, diferente das demais, não relata ataques ou “maldades” por parte do Eixo, mas medidas para que sua influência na América seja contida e eliminada. As medidas são de caráter econômico, constituindo, em maior parte, em controle de remessas e propriedades, bloqueio de dinheiro em espécie, fiscalização de bens, entre outros.

Conclusão

A forma de relacionamento desenvolvida entre Brasil e Estados Unidos ao longo do último século pode ter sido por vezes distinta, porém sempre de uma maneira amistosa. A existência de um ambiente de conflitos tende a dificultar a manutenção de *status quo*, e, sendo assim, com a aproximação de uma época turbulenta e com a oportunidade de lançar-se enquanto potência mundial, a incorporação de um país com o território e a quantidade de recursos e mão de obra como o Brasil à sua esfera de influência política e econômica passa a ser visto pelos Estados Unidos como um objetivo de segurança – ainda mais com a “ameaça comunista” à espreita, colocando o *american way of life* em uma situação arriscada. Assim, como relatam Cervo e Bueno (1992), Moura (1995 e 2013), Tota (2000) e Jaguaribe (2006) a relação entre esses dois países tornou-se mais próxima, com a oferta de projetos de cooperação em que seria promovido o desenvolvimento do Brasil em troca do fornecimento de matérias primas e recursos naturais à indústria americana. Neste ponto é de suma importância destacar, entretanto, que a tecnologia trazida à indústria local não se referia a bens de capital, mas apenas a bens de consumo – portanto apesar de aparentar certo crescimento da economia e da indústria, a parte tecnológica e independente não chegou a se desenvolver.

Em relação aos países do Eixo é perceptível a mudança de posicionamento declarada pelo governo brasileiro entre os anos 1930, quando a admiração pelos regimes autoritários presentes naqueles países era expressa pelo presidente Vargas, e os anos 1940, em que, com a proximidade com o conflito, a pressão por parte do governo estadunidense e os interesses do governo brasileiro fizeram com que Vargas se afastasse dos países do Eixo e se alinhasse aos Aliados. Tal mudança é também relatada no jornal analisado neste estudo, o “Cidade de Blumenau”.

Sobre o jornal existem duas considerações principais. A primeira diz respeito ao seu destaque na região: tendo-se em mente que Blumenau é uma cidade de colonização alemã que mantém vivas até hoje várias de suas tradições, e que não teve grande aceitação em relação às medidas de nacionalização impostas pelo governo Vargas, é, de certa forma, surpreendente que um periódico de tal teor de publicação possuísse uma das maiores circulações da cidade – entretanto, deve-se

considerar que a partir dos atos de controle da Divisão de Imprensa e Propaganda os jornais em língua alemã foram proibidos de circular, assim, diversos periódicos de Blumenau tiveram de fechar as portas no início dos anos 1940. A segunda é que se pode notar que esse jornal, em 1942, como afirmado por Silva e Wiik (2008), encontra-se alinhado às diretrizes do governo Vargas e aos Aliados. Dessa forma, percebe-se uma conformidade entre as notícias publicadas ao longo do ano analisado nesse estudo e a bibliografia utilizada como base.

Quanto às expectativas sobre esse trabalho, a pesquisa nos periódicos e a análise das notícias confirmaram o que já se esperava: um posicionamento pró-Vargas, pró-Aliados e pró-Estados Unidos. Apesar disso, não deixa de ser intrigante um posicionamento desse teor em Blumenau – os nascidos e/ou que conhecem a região bem sabem que ainda há forte presença cultural dos imigrantes e que a população, principalmente os de idade mais avançada, guardam um certo rancor das ações perpetradas pelo governo brasileiro daquela época. Essas divergências demonstram que a mídia exerce sim um papel político, ao assumir “lados” e propagar as informações de acordo com o que convém. Cabe destacar que essa característica não era exclusiva do período analisado nesse estudo, estando presente ainda nos dias de hoje. Isso também demonstra que a ação nacionalizadora de Vargas talvez não tenha sido tão bem-sucedida assim na sua tarefa de criar um único povo brasileiro, dado que as características da região que tentaram silenciar se mantiveram presentes até hoje.

Tendo em vista a relevância do estudo do tema aqui debatido, acredita-se que pesquisas acerca do mesmo devam ser continuadas, pois tal investigação pode contribuir ao estudo de aspectos da Política Externa Brasileira, às pesquisas sobre a mídia blumenauense e do Vale do Itajaí, bem como no âmbito dos estudos históricos.

BIBLIOGRAFIA

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa: Brasil, 1900-2000**. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2010. 262 p.

BALSINI, Achilles (Ed.). O aparelhamento das nossas forças armadas. **Cidade de Blumenau: o arauto das aspirações do Vale do Itajaí**. Blumenau, 28 jan. 1942 – n. 36, ano XVIII.

BALSINI, Achilles (Ed.). Mensagem de Roosevelt ao presidente Getulio Vargas. **Cidade de Blumenau: o arauto das aspirações do Vale do Itajaí**. Blumenau, 31 jan. 1942 - n. 37, ano XVIII.

BALSINI, Achilles (Ed.). O rompimento das relações diplomaticas e comerciaes com a Alemanha, Italia e Japão. **Cidade de Blumenau: o arauto das aspirações do Vale do Itajaí**. Blumenau, 04 fev. 1942 - n. 38, ano XVIII.

BALSINI, Achilles (Ed.). Cooperação ianqui-brasileiro. **Cidade de Blumenau: o arauto das aspirações do Vale do Itajaí**. Blumenau, 14 fev. 1942 - n. 42, ano XVIII.

BALSINI, Achilles (Ed.). Atentosa defesa do Brasil. **Cidade de Blumenau: o arauto das aspirações do Vale do Itajaí**. Blumenau, 14 mar. 1942 - n. 50, ano XVIII.

BALSINI, Achilles (Ed.). “Se os russos forem derrotados e eliminados da Guerra, jamais voltaremos a ter outras possibilidades”. **Cidade de Blumenau: o arauto das aspirações do Vale do Itajaí**. Blumenau, 01 mai. 1942 - n. 63, ano XVIII.

BALSINI, Achilles (Ed.). Submarinos do Eixo atacados pela Aviação Brasileira: Foi afundado um submersível com bombas de profundidade. **Cidade de Blumenau: o arauto das aspirações do Vale do Itajaí**. Blumenau, 30 mai. 1942 - n. 71, ano XVIII.

BALSINI, Achilles (Ed.). A Nação esta unida. **Cidade de Blumenau: o arauto das aspirações do Vale do Itajaí**. Blumenau, 20 jun. 1942 - n. 77, ano XVIII.

BALSINI, Achilles (Ed.). “O Brasil nunca será escravo”. **Cidade de Blumenau: o arauto das aspirações do Vale do Itajaí**. Blumenau, 04 jul. 1942 - n. 81, ano XVIII.

BALSINI, Achilles (Ed.). Mais uma agressão do Eixo ao Brasil. **Cidade de Blumenau: o arauto das aspirações do Vale do Itajaí**. Blumenau, 08 jul. 1942 - n. 82, ano XVIII.

BALSINI, Achilles (Ed.). Procurando eliminar a influencia economica e financeira do Eixo nas Americas. **Cidade de Blumenau: o arauto das aspirações do Vale do Itajaí**. Blumenau, 11 jul. 1942 - n. 83, ano XVIII.

BALSINI, Achilles (Ed.). A Marinha de Guerra dos Estados Unidos. **Cidade de Blumenau: o arauto das aspirações do Vale do Itajaí**. Blumenau, 05 ago. 1942 - n. 90, ano XVIII.

BALSINI, Achilles (Ed.). Apoio moral e material aos Estados Unidos. **Cidade de Blumenau: o arauto das aspirações do Vale do Itajaí**. Blumenau, 12 ago. 1942 - n. 92, ano XVIII.

BALSINI, Achilles (Ed.). Ha brasilidade em Blumenau!. **Cidade de Blumenau: o arauto das aspirações do Vale do Itajaí**. Blumenau, 09 set. 1942 - n. 100, ano XVIII.

BALSINI, Achilles (Ed.). Foi decretada a mobilização geral. **Cidade de Blumenau: o arauto das aspirações do Vale do Itajaí**. Blumenau, 19 set. 1942 - n. 103, ano XVIII.

BALSINI, Achilles (Ed.). A Prefeitura e o Estado de guerra. **Cidade de Blumenau: o arauto das aspirações do Vale do Itajaí**. Blumenau, 03 out. 1942 - n. 5, ano XIX.

BALSINI, Achilles (Ed.). As ruas de Blumenau têm nomes novos. **Cidade de Blumenau: o arauto das aspirações do Vale do Itajaí**. Blumenau, 10 out. 1942 - n. 7, ano XIX.

BALSINI, Achilles (Ed.). Blumenau oferece á Patria o primeiro contingente de enfermeiras da Cruz Vermelha!. **Cidade de Blumenau: o arauto das aspirações do Vale do Itajaí**. Blumenau, 05 dez. 1942 - n. 23, ano XIX.

BALSINI, Achilles (Ed.). Cooperação tecnica entre o Brasil e os Estados Unidos. **Cidade de Blumenau: o arauto das aspirações do Vale do Itajaí**. Blumenau, 05 dez. 1942 - n. 23, ano XIX.

BONOW, Stefan Chamorro. **A desconfiança sobre os indivíduos de origem germânica em Porto Alegre durante a Primeira Guerra Mundial: cidadãos leais ou retovados?**. 2011. 379 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

CERVO, Amado Luiz; BUENO, Clodoaldo. **História da Política Exterior do Brasil**. São Paulo: Ática, 1992. 432 p.

CONDURU, Guilherme Frazão. O subsistema americano, Rio Branco e o ABC. **Revista Brasileira de Política Internacional**, Brasília, v. 2, n. 41, p.59-82, 1998.

FERNANDES, Mario Luiz. A mídia no Vale do Itajaí. In: BALDESSAR, Maria José; CHRISTOFOLETTI, Rogério (Org.). **Jornalismo em perspectiva**. Florianópolis: Editora da Ufsc, 2005. p. 49-69.

GENRO FILHO, Adelmo. **O Segredo da Pirâmide: Para uma Teoria Marxista do Jornalismo**. 1987. 266 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1987.

FROTSCHER, Méri. **Da CELEBRAÇÃO DA ETNICIDADE TEUTO-BRASILEIRA À AFIRMAÇÃO DA BRASILIDADE: Ações e discursos das elites locais na esfera pública de Blumenau (1929-1950)**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2003. 269 p.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: O breve século XX 1914-1992**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. 598 p.

JAGUARIBE, Hélio. Introdução Geral. In: ALBUQUERQUE, José Augusto Guilhon; SEITENFUS, Ricardo; CASTRO, Sergio Henrique Nabuco de (Org.). **Sessenta Anos de Política Externa Brasileira (1930-1990)**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2006. p. 30-45.

LUCA, Tânia Regina de. **Leituras, Projetos e (Re)Vista(s) do Brasil: (1916-1944)**. São Paulo: Editora Unesp, 2011. 357 p.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de (Org.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2008. 303 p.

MOURA, Gerson. **Tio Sam chega ao Brasil: A penetração cultural americana**. São Paulo: Editora Brasiliense S.a., 1995. 92 p.

MOURA, Gerson. **Brazilian Foreign Relations 1939-1950: The changing nature of Brazil-United States relations during and after the Second World War**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2013. 373 p.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. **A política externa dos Estados Unidos: Continuidade ou mudança?** 3. ed. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2011. 520 p.

PEREIRA, Maristela. A imigração alemã em Blumenau e a situação de bilingüismo. **Estudos Lingüísticos XXXIV: Trabalhos selecionados do 52º GEL**, Campinas, v. 1, n. 1 p.189-194, 2005.

SILVA, José Ferreira da. **A Imprensa em Blumenau**. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina S.a., 1977. 203 p.

TOTA, Antonio Pedro. **O Imperialismo Sedutor: A americanização do Brasil na época da Segunda Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 235 p.

ZORGBIBE, Charles. **Historia de las Relaciones Internacionales, 1: De la Europa de Bismarck hasta el final de la Segunda Guerra Mundial**. Madrid: Alianza Editorial, 1997. 693 p.

WIJK, Flávio Braune; SILVA, Eduardo Gomes. Os teuto-brasileiros e o papel da imprensa frente ao nacionalismo presente em Blumenau e Hamônia (1937-1940). **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 42, n. 12, p.91-109, out. 2008.